



literatura
livre

Na baía

KATHERINE
MANSFIELD

At the Bay (1922)
Tradução: Carol Chiovatto

Edição bilíngue:
PORTUGUÊS • INGLÊS



— •
literatura
livre

Na baía

Katherine Mansfield

Edição Bilingue

Sesc **mojo**.org

— •
literatura
livre

Na baía

Katherine Mansfield

Tradução:
Carol Chiovatto

Edição Bilingue
Português-Ingês

Sesc **mojo**.org

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

M287 Mansfield, Katherine (1888-1923)
Na baía / Katherine Mansfield. Tradução de Carol Chiovatto. – São Paulo: Instituto Mojo, 2022. (Coleção Literatura Livre).
E-Book: PDF, ePUB, MOBI
Disponível em: <https://mojo.org.br>

Título Original: At the Bay. Edição bilingue Português - Inglês.

ISBN 978-65-89008-33-0

1.Literatura Neozelandesa. 2. Conto. 3. Conto Inglês. 4. Questões Sociais. 5. Complexidade Humana. I. Título. II. Série. III. Chiovatto, Carol, Tradutora. IV. Instituto Mojo de Comunicação Intercultural. V. Literatura Livre. VI. Beauchamp, Kathleen Mansfield (1888-1923).

CDU 821.111-3

CDD N823

Catalogação elaborada por Regina Simão Paulino – CRB 6/1154

Na baía

1	7
2	13
3	17
4	25
5	31
6	39
7	45
8	53
9	61
10	69
11	77
12	81
13	89
At the Bay	95
I	97
II	103
III	107

IV.....	113
V.....	119
VI.....	127
VII.....	133
VIII.....	139
IX.....	145
X.....	153
XI.....	161
XII.....	165

Manifesto pela democratização

do domínio público.....	173
Literatura Livre.....	174
Instituto Mojo.....	175
Ficha técnica.....	176

1

De manhã bem cedo. O sol ainda não tinha nascido e uma névoa marinha branca ocultava toda Crescent Bay. Ao fundo, as grandes colinas cobertas de arbustos estavam sufocadas; não dava para ver em que parte terminavam e onde os pastos e bangalôs começavam. A estrada de areia desaparecera e, do outro lado dela, os pastos e bangalôs também; além delas, não se viam as dunas brancas cobertas de relva avermelhada; nada diferenciava o que era praia e o que era o mar. Um denso orvalho havia caído. A relva estava azulada. Grandes gotas pendiam dos arbustos e simplesmente não pingavam; o felpudo capim-dos-pampas prateado jazia flácido em seus talos compridos, e todos os cravos e as rosas dos jardins dos bangalôs curvavam-se na direção da terra pelo peso da umidade. As fúcias frias estavam ensopadas, as pérolas de orvalho jaziam nas folhas planas das capuchinhas. Na escuridão, o mar parecia ter subido através de batidas suaves, como se uma onda imensa tivesse vindo agitada, ondulando-se — quão longe? Você talvez pudesse

ter visto, se tivesse acordado no meio da noite, um grande peixe se debatendo no campo de visão da janela antes de ele desaparecer de novo...

“Ah, ah!”, soou o mar sonolento. E, dos arbustos, veio o som de pequenos riachos que fluíam, apressados, leves, deslizando por entre as pedras lisas, vertendo em bacias cobertas por brotos de samambaias e escapando outra vez; gotas grossas espirravam em folhas grandes, e alguma coisa — o que seria? — uma discreta agitação débil, um tremor, o estalar de um galho e então o silêncio era tamanho que alguém parecia estar à escuta.

Dobrando a curva de Crescent Bay, entre as massas empilhadas de rocha irregular, veio um rebanho de ovelhas balindo. Elas estavam amontoadas, uma pequena massa de lã agitada, e suas pernas finas como gravetos trotavam juntas com pressa, como se o frio e o silêncio as tivessem assustado. Atrás delas, um velho cão pastor, as patas encharcadas cobertas de areia, corria desengonçado, com o focinho próximo ao chão, como se pensasse em outra coisa. E então, na entrada pedregosa, o pastor em pessoa apareceu. Era um velho esguio e ereto, cobria-se com um pesado casaco de lã áspera — que, por sua vez, tinha uma outra camada tecida por gotículas de orvalho —, calças de veludo amarradas sob os joelhos e um chapéu de camponês com um lenço azul

dobrado ao redor da aba. Tinha uma mão enfiada no cinto, enquanto a outra segurava um cajado amarelo, liso e muito bonito. Conforme ele andava, sem pressa alguma, assobiava baixinho de forma muito suave, uma espécie de flauta etérea e distante que soava lúgubre e afetuosa. O velho cão deu um ou dois saltinhos brincalhões, como era seu costume, então estacou, envergonhado de sua frivolidade, e trotou respeitavelmente ao lado do dono. As ovelhas se apressaram, trepidando sobre suas patas, e começaram a balir. Manadas e rebanhos fantasmagóricos responderam do fundo do mar. “*Béé! Béé!*”. Por um tempo, pareciam sempre terem convivido no mesmo plano de existência.

Logo à frente, a estrada de areia se estendia com poças rasas; dos dois lados se mostravam os mesmos arbustos encharcados e as mesmas paliçadas sombrias. Então algo imenso apareceu: um gigante enorme de cabelos volumosos, com seus braços estendidos. Era o grande eucalipto que ficava do lado de fora da loja da sra. Stubbs e, ao passar por ali, sentia-se o forte cheiro da árvore. Nesse momento, grandes pontos de luz brilhavam na névoa. O pastor parou de assobiar; esfregou o nariz vermelho e a barba molhada na manga úmida e, apertando os olhos, fixou-os na direção do mar.

O sol estava nascendo. Foi maravilhoso como a névoa se dissipou rápido, afastou-se às pressas, dissolveu-se da

planície rasa, emaranhou-se aos arbustos e partiu, como se estivesse ansiosa para escapar. Grandes espirais e curvas esfumaçadas se empurravam e se acotovelavam umas contra as outras conforme os luminosos raios prateados se alargavam. O céu distante — de um azul brilhante e límpido — estava refletido nas poças, e as gotas, nadando ao longo dos postes telegráficos, cintilavam como pontos de luz. Agora o mar agitado e reluzente estava tão claro que fazia com que os olhos doessem só de encará-lo. O pastor tirou um cachimbo do bolso do peito, apalpou-se em busca de um pouco de tabaco desfiado, arrancou-lhe umas lascas e encheu o forninho, pequeno como uma noz. Era um homem austero, um velho de boa aparência. Quando ele acendeu o cachimbo e a fumaça azul espiralou ao redor de sua cabeça, o cachorro, que o observava, pareceu se orgulhar dele.

“*Bée! Bée!*” As ovelhas se espalharam num sopro. Elas já tinham se afastado da colônia de férias antes de o primeiro dorminhoco aparecer e erguer a cabeça sonolenta; seus berros ressoaram nos sonhos das crianças pequenas... as quais levantaram os braços com a intenção de puxar para si e acariciar os amados e peludos carneirinhos do sono. Foi assim que a primeira moradora apareceu: Florrie, a gata dos Burnell, sentada sobre o poste que sustentava o portão, cedo demais para procurar por sua leiteira, como de costume. Quando

viu o velho cão pastor, ela se levantou num pulo, arqueou as costas, recuou a cabeça malhada e pareceu estremecer fastidiosamente.

— Eca! Que criatura grosseira e repugnante! — disse Florrie.

O velho cão pastor, no entanto, sem erguer o olhar, passou em seu balanço agitado, lançando as pernas de um lado para o outro. Só uma de suas orelhas se contraiu, prova de que ele a tinha visto e de que a julgava uma jovem fêmea tola.

A brisa matutina surgia em meio aos arbustos, e o aroma das folhas e da terra preta molhada se misturavam com o cheiro penetrante do mar. Miríades de pássaros cantavam. Um pintassilgo voou por sobre a cabeça do pastor e, empoeirando-se na melhor parte de um galho florido, virou-se na direção do sol, agitando as pequenas penas do peito. E então eles passaram pela cabana do pescador, e também pela casa comunitária maori em que Leila, a leiteira, morava com sua avó idosa.

As ovelhas vagaram por um pântano amarelo e Gaiato, o cão pastor, foi atrás delas tranquilamente, cercou-as e as encaminhou para a passagem pedregosa mais íngreme e mais estreita, que dava para fora de Crescent Bay e na direção de Daylight Cove. “*Bée! Bée!*”, o balido fraco veio enquanto elas seguiam devagar pela estrada, que secava rápido. O pastor

apagou o cachimbo, devolvendo-o ao bolso do peito de modo que o pequeno forninho pendesse para o lado de fora. E, imediatamente, o gentil assobio etéreo recomeçou. Gaiato correu atrás de algo que fedia ao longo de uma saliência rochosa e voltou correndo, enojado. Em seguida, empurrando, cutucando, apressando-se, as ovelhas dobraram a curva e o pastor as seguiu até sumir de vista.

2

Alguns momentos depois, a porta dos fundos de um dos bangalôs se abriu, e uma silhueta num traje de banho de listras largas atirou-se pasto abaixo, transpôs a cerca, cruzou o capim tussock às pressas, desceu à bacia antes de subir a colina coberta de areia aos tropeços e correu — como se sua vida dependesse disso — pelas imensas pedras porosas, sobre os seixos gelados e úmidos, até através da areia dura e brilhante como óleo. *Splash! Splash!* A água borbulhava ao redor das pernas de Stanley Burnell enquanto ele avançava na água, exultante. O primeiro a chegar, como de costume! Venceu todos eles de novo. E abaixou-se com tudo para mergulhar a cabeça e o pescoço.

— Saudações, irmão! Todos o saúdem, o Todo Poderoso! — uma voz grave e aveludada veio da água num estrondo.

Grande Scott! Que o diabo o carregue! Stanley se levantou para ver uma cabeça escura balançando à distância e um braço erguido. Era Jonathan Trout — estava ali antes dele!

— Manhã gloriosa! — cantarolou a voz.

— Sim, muito boa — disse Stanley, de forma muito breve. Por que diabos o sujeito não se restringiu à sua parte do mar? Por que tinha de invadir aquele exato lugar? Stanley deu um chute, uma investida e atacou, em nado livre. Mas Jonathan estava à sua altura. Ele também foi para cima, com o cabelo negro lustroso grudado na testa e a barba curta lisa.

— Tive um sonho extraordinário ontem à noite! — gritou ele.

Qual era o problema desse homem? Essa obsessão por conversar irritava tanto Stanley que ele não sabia nem como começar a descrever. E era sempre a mesma coisa — sempre alguma bobagem sobre um sonho que Jonathan tivera, ou alguma ideia absurda à qual se agarrara, ou alguma asneira que ele andara lendo. Stanley se virou de barriga para cima e chutou sem parar até se tornar uma tromba d'água humana. Mas ainda assim...

— Sonhei que estava pendurado num penhasco terrivelmente alto, gritando para alguém lá embaixo.

“Você faria isso mesmo!”, Stanley pensou. Não aguentava mais. Parou de chapinhar.

— Olha, Trout — disse ele —, estou com muita pressa esta manhã.

— Você O QUÊ? — Jonathan ficou tão surpreso, ou fingiu ficar, que afundou na água. Então reapareceu outra vez, ofegante.

— Tudo o que eu estou querendo dizer é que não tenho tempo para... para... para... ficar de bobeira — disse Stanley. — Quero acabar logo com isso. Estou com pressa. Tenho trabalho para fazer hoje de manhã, sabe?

Jonathan foi para longe antes mesmo de Stanley terminar.

— Vá em frente, amigo! — a voz grave disse gentilmente, e ele deslizou pela água quase sem criar ondulações... Mas maldito seja o sujeito! Arruinara o mergulho de Stanley. Que idiota inepto o homem era! Stanley partiu na direção do mar outra vez, e então, com igual rapidez, nadou água adentro de novo, até chegar à praia e sair correndo. Ele se sentiu roubado.

Jonathan ficou um pouco mais de tempo na água. Boiou, movendo as mãos gentilmente como se fossem nadadeiras, e deixou o mar balançar seu corpo comprido e magro. Era curioso, mas, apesar de tudo, gostava de Stanley Burnell. Era verdade que às vezes tinha um desejo diabólico de provocá-lo, de tirar sarro da cara dele, mas no fundo sentia pena do sujeito. Sua determinação em tornar tudo um trabalho tinha algo de patético. Era impossível deixar de sentir que ele seria

pego naquele jogo um dia, e assim ele se tornaria um fracasso gigantesco! Naquele momento, uma onda imensa ergueu Jonathan, passou por ele e quebrou na praia com um som alegre. Que beleza! E então veio outra. Esse era o jeito de se viver — despreocupada e imprudentemente, exaurindo a si mesmo. Ele se levantou e começou a caminhar na direção da praia, pressionando os dedos do pé na areia firme e enrugada. Levar as coisas na flauta, não lutar contra a maré da vida, e sim ceder a ela — isso era o necessário. Essa tensão é que era toda errada. Viver — viver! E a manhã perfeita, tão fresca e bonita, estendendo-se à luz do sol, como se estivesse rindo de sua própria beleza, parecia sussurrar:

— Por que não?

Mas agora que estava fora da água, Jonathan ficou azul de frio. Sentia dor em tudo, era como se alguém estivesse drenando o seu sangue. E, avançando a passos duros pela praia, tremendo, com todos os músculos tensos, ele também sentiu que seu banho fora estragado. Tinha ficado tempo demais.

3

Beryl estava sozinha na sala quando Stanley apareceu, vestindo um terno azul de sarja, uma camisa com gola rígida e uma gravata de bolinhas. Aparentava estar praticamente limpo e escovado, o que era estranho. Ele estava indo à cidade, onde passaria o dia inteiro. Largando-se na cadeira, puxou o relógio e colocou-o ao lado do prato.

— Tenho só vinte e cinco minutos — disse ele. — Você pode ir ver se o mingau está pronto, Beryl?

— A mãe acabou de ir fazer isso — respondeu Beryl. Ela se sentou à mesa e serviu-lhe chá.

— Obrigado! — Stanley bebericou. Então proclamou, surpreso: — Ah, não! Você esqueceu o açúcar.

— Ah, desculpa!

Mas, mesmo assim, Beryl não o ajudou; empurrou o açucareiro na direção dele. Qual era o significado disso? Enquanto Stanley se servia, seus olhos azuis se arregalaram; pareciam estremecer. Lançou um olhar rápido à cunhada e recostou-se.

— Não tem nada de errado, tem? — perguntou, descuidadamente, ajeitando o colarinho.

Beryl estava de cabeça baixa. Ela virou seu próprio prato com os dedos.

— Nada — disse com a voz leve. Então, ela também ergueu o olhar e sorriu para Stanley. — Por que teria?

— *A-ah!* Razão nenhuma, pelo que me consta. Pensei que você parecia meio...

Nesse momento, a porta se abriu e três meninas apareceram, cada uma carregando um prato de mingau. Estavam vestidas de modo idêntico, com malhas azuis e shortinhos. Suas pernas bronzeadas estavam de fora, e cada uma tinha o cabelo trançado e preso no topo da cabeça, o que chamavam de rabo de cavalo. Atrás delas, entrou a sra. Fairfield com a bandeja.

— Cuidado, crianças — avisou. Mas elas já estavam tomando o maior cuidado. Adoravam que lhes permitissem carregar as coisas. — Disseram “bom dia” ao pai de vocês?

— Sim, vovó.

Elas se acomodaram no banco oposto ao de Stanley e Beryl.

— Bom dia, Stanley! — A velha sra. Fairfield lhe entregou seu prato.

— Bom dia, mãe. Como está o menino?

— Esplêndido! Só acordou uma vez ontem à noite. Que manhã perfeita!

Com a mão no pão, a senhora parou para espiar o lado de fora através da porta aberta que dava no jardim. O mar ressoava. Através da janela escancarada, o sol se derramava nas paredes amarelas envernizadas e no chão à mostra. Tudo na mesa cintilava e resplandecia. No meio, havia uma velha tigela de salada cheia de capuchinhas amarelas e vermelhas. Ela sorriu, e uma expressão de profundo contentamento brilhou em seus olhos.

— Você podia *cortar* pra mim um pedaço desse pão, mãe — disse Stanley. — Só tenho doze minutos e meio antes da caruagem passar. Alguém deu meus sapatos para a empregada?

— Sim, estão prontos para você. — A sra. Fairfield se manteve imperturbável.

— Ah, Kezia! Por que você é uma criança tão bagunceira? — gritou Beryl com ar de desesperança.

— Eu, tia Beryl? — Kezia a encarou. O que tinha feito dessa vez? Ela apenas cavara um rio no meio do seu mingau, enchera-o e estava comendo as beiradas. Mas fazia isso toda manhã e ninguém nunca havia dito uma palavra sequer até agora.

— Por que você não consegue comer a sua comida direito, igual a Isabel e a Lottie?

Como os adultos são injustos!

— Mas a Lottie sempre faz uma ilha flutuante, não é, Lottie?

— Eu não — disse Isabel, com esperteza. — Eu só polvilho açúcar no meu, coloco o leite e como tudo. Só bebês brincam com a comida.

Stanley arrastou a cadeira para trás e se levantou.

— Você pegaria os sapatos para mim, mãe? E, Beryl, se já tiver terminado, gostaria que você corresse no portão e parasse a carruagem. Corra até a sua mãe, Isabel, e pergunte a ela onde está o meu chapéu-coco. Espere um minuto... Crianças, vocês andaram brincando com a minha bengala?

— Não, pai!

— Mas eu a coloquei aqui — Stanley começou a vociferar. — Eu me lembro muito bem de tê-la colocado nesse canto. Agora, quem foi que pegou? Não há tempo a perder. Passem o pente-fino! A bengala precisa ser encontrada!

Até Alice, a criada, foi convocada à procura.

— Você por acaso não a tem usado para mexer na lareira da cozinha?

Stanley correu para o quarto em disparada, no qual Linda estava deitada.

— Coisa mais extraordinária. Não posso ter nada para chamar de meu. Agora sumiram com a minha bengala!

— Bengala, querido? Que bengala? — Nessas ocasiões, a incerteza de Linda não podia ser real, Stanley concluiu. Ninguém seria capaz de compreendê-lo?

— Carruagem! A carruagem, Stanley! — a voz de Beryl gritou do portão.

Stanley acenou para Linda.

— Não dá tempo de me despedir! — gritou. E ele tinha a intenção de que isso soasse para ela como se fosse uma punição.

Agarrou seu chapéu-coco, saiu da casa em disparada e desceu aos saltos o caminho do jardim. Sim, a carruagem estava lá esperando. Beryl, debruçada sobre o portão aberto, ria junto de uma ou duas pessoas como se nada tivesse acontecido. A crueldade das mulheres! A maneira que elas davam como certo que era trabalho dele ser escravo em prol delas enquanto elas nem sequer se davam ao trabalho de garantir que a sua bengala não estivesse perdida. Kelly chicoteou os cavalos.

— Tchau, Stanley! — gritou Beryl, doce e alegremente. Era muito fácil dizer “tchau”! E ela ficou lá, à toa, fazendo sombra nos olhos com a mão. O pior de tudo era que Stanley tinha de gritar tchau também, por causa das aparências. Então a viu se virar, dar um pulinho e correr de volta para a casa. Estava feliz por se livrar dele!

Sim, estava agradecida. Entrou na sala correndo e avisou:

— Ele foi embora!

Linda gritou do quarto dela:

— Beryl, o Stanley já saiu?

A velha sra. Fairfield apareceu, carregando o menino em seu casaquinho de flanela.

— Saiu?

— Saiu!

Ah, o alívio, a diferença que fazia o homem fora de casa. Suas próprias vozes mudavam quando chamavam umas às outras; soavam calorosas e amorosas como se compartilhassem um segredo. Beryl foi até a mesa.

— Tome outra xícara de chá, mãe. Ainda está quente.

Ela queria, de algum modo, celebrar o fato de que agora podiam fazer o que quisessem. Não tinha nenhum homem para perturbá-las; o dia perfeito era delas por inteiro.

— Não, obrigada, filha — respondeu a velha sra. Fairfield, mas o modo como, naquele momento, jogou o menino para cima e disse a ele “gugu-dadá” significavam que ela sentia o mesmo. As meninas correram pasto afora como galinhas libertas do galinheiro.

Até Alice, a empregada, lavando a louça na cozinha, contagiou-se e usou a preciosa água do tanque de maneira perfeitamente imprudente.

— Ah, esses homens! — disse ela, mergulhou a chaleira na cuba e a segurou embaixo d'água até ela parar de borbulhar, como se esta fosse um homem e se afogar fosse bom demais para eles.

Espere por mim, Isabel! Kezia, espere por mim!

Lá estava a pobrezinha da Lottie, deixada para trás de novo, porque achava muito assustador e difícil cruzar a cerca sozinha. Quando subia na primeira tábua, seus joelhos amoleciam; ela agarrava o suporte vertical. Então era preciso passar uma perna para o outro lado. Mas qual delas? Nunca conseguia decidir. E no momento em que finalmente passava a primeira perna por cima da cerca, fazia-o de forma tão mecânica que estampava seu desespero — a sensação era horrível. Ela ainda estava metade no pasto e metade no capim tussock. Segurou o suporte desesperadamente e gritou:

— Esperem por mim!

— Não, não a espere, Kezia! — disse Isabel. — Ela é tão bobinha. Está sempre fazendo uma cena. Vamos! — E puxou a malha de Kezia. — Você pode usar o meu balde se vier comigo — barganhou de forma gentil. — É maior do que o seu.

Mas Kezia não conseguia deixar Lottie sozinha. Correu de volta até ela. A essa altura, Lottie estava com o rosto muito vermelho e ofegava.

— Aqui, ponha o seu outro pé desse lado — disse Kezia.

— Onde?

Lottie baixou os olhos na direção de Kezia como se estivesse no alto de uma montanha.

— Aqui onde a minha mão está. — Kezia tocou o local.

— Ah, você quer dizer *ai!* — Lottie deu um suspiro profundo e passou o segundo pé.

— Agora... vire-se de costas, sente-se e escorregue — disse Kezia.

— Mas não tem *onde* sentar, Kezia — disse Lottie.

Enfim, ela conseguiu e, uma vez que o obstáculo se foi, saiu do estupor e abriu um sorriso.

— Estou ficando melhor em pular cercas, não estou, Kezia?

Lottie tinha uma natureza muito esperançosa.

A touca rosa e a azul seguiram a touca vermelho-vivo de Isabel na subida da encosta escorregadia. No topo, elas fizeram uma pausa para decidir aonde ir e dar uma boa olhada naqueles que já estivessem por lá. Vistas de trás, com a silhueta recortada pelo horizonte, gesticulavam amplamente com suas pás e pareciam pequenas exploradoras confusas.

A família inteira de Samuel Josephs já estava presente com sua babá, que, sentada num banquinho de acampamento, mantinha a ordem com um apito que usava preso ao redor do pescoço e um pequeno bastão com o qual dirigia as operações. Os Samuel Josephs nunca brincavam sozinhos nem administravam seus próprios jogos. Se o fizessem, as brincadeiras acabavam com os meninos despejando água nas meninas ou as meninas tentando colocar caranguejinhos pretos nos bolsos dos meninos. Dessa forma, a sra. S. J. e a pobre criada inventaram o que ela chamava de “brograma” toda manhã e mantinham-nos “ocubados e fora de berigo”. Tudo se resumia a competições, corridas ou jogos em que eram cada um por si. Começava com uma explosão aguda do apito da babá e terminava com o próximo soar do instrumento. Tinham até prêmios — grandes pacotes de papel bastante sujos, que a criada tirava de uma sacola volumosa de barbante com um sorrisinho azedo. Os Samuel Josephs lutavam assustadoramente pelos prêmios e trapaceavam e beliscavam os braços uns dos outros — todos eram especialistas em beliscar. Na única vez em que as crianças Burnell brincaram com eles, Kezia tinha ganhado o prêmio e, quando desfizera os três pedaços de papel, ela encontrou um minúsculo gancho de botão enferrujado. Não conseguia entender o porquê de eles fazerem tamanha algazarra.

No entanto, elas nunca mais brincaram com os Samuel Josephs, nem mesmo iam às festas deles. Os Samuel Josephs sempre davam festas infantis na baía e sempre serviam a mesma comida. Uma grande bacia de salada de frutas escurecida, pães cortados em quatro e uma jarra cheia de algo que a criada chamava de “limonamiga”. E você ia embora à noite com metade do babado do vestido rasgado ou alguma coisa tinha sido derramada em toda a parte da frente do seu avental, deixando os Samuel Josephs pulando como selvagens no gramado deles. Não! Eles eram horríveis demais.

Do outro lado da praia, perto da água, dois menininhos, com as pernas dos trajes de banho enroladas, reluziam como aranhinhas. Um estava cavando, enquanto o outro entrava e saía da água, enchendo um baldinho. Eram os meninos Trout, Pip e Rags. Mas Pip estava tão ocupado cavando e Rags tão ocupado ajudando que eles não viram suas priminhas até que elas estivessem muito perto.

— Olhem! — disse Pip. — Olhem o que eu descobri!

E ele mostrou uma bota velha, úmida e amarrotada a elas. As menininhas a fitaram.

— O que é que você vai fazer com isso? — perguntou Kezia.

— Guardá-la, é claro! — Pip era muito desdenhoso. — É uma descoberta. Viu?

Sim, Kezia viu isso. Mesmo assim...

— Existem muitas coisas enterradas na areia — explicou Pip. — Elas são os destroços dos naufrágios. Tesouros. Ora, você pode até encontrar...

— Mas por que o Rags tem que ficar jogando água? — questionou Lottie.

— Ah, isso é pra umedecer e facilitar um pouco o trabalho — disse Pip. — Continue assim, Rags.

E o bom e pequeno Rags corria para cima e para baixo, jogando água que ficava marrom como chocolate.

— Ei, que tal eu mostrar a vocês o que encontrei ontem? — sugeriu Pip misteriosamente, e enfiou sua pá na areia. — Prometam não contar.

Elas prometeram.

— Sejam honestas e digam que juram por Deus e pela vida de vocês.

As meninas disseram.

Pip tirou algo do bolso, esfregou por um tempo na parte da frente de sua blusa, então bafejou no objeto e esfregou-o de novo.

— Agora se virem! — ordenou.

Elas se viraram.

— Todas olhem na mesma direção! Fiquem quietas! Agora!

E a mão do menino se abriu. Ele segurava contra a luz algo que brilhava, que cintilava, algo que era de um adorável tom verde.

— É uma nesmeralda — disse Pip solenemente.

— É mesmo, Pip? — Até Isabel ficou impressionada.

A adorável coisa verde parecia dançar nos dedos de Pip. A tia Beryl tinha um anel de nesmeralda, mas era muito pequeno. Essa pedra era tão grande quanto uma estrela e muito mais bonita.

5

Ao longo da manhã, grupos inteiros apareceram pelas dunas e desceram à praia para mergulhar. Era de conhecimento comum que, às onze horas, as mulheres e crianças da colônia de férias tinham o mar para si. Primeiro, as mulheres se despiam, colocavam seus trajes de banho e cobriam as cabeças com toucas tão horrorosas que se pareciam com bolsas higiênicas. Então começavam a trocar as crianças. A praia estava repleta de pequeninas pilhas de roupas e sapatos espalhados; os grandes chapéus de verão, com pedras em cima para impedir que fossem soprados para longe pelo vento, se pareciam com enormes conchas. Era estranho, porque até mesmo o mar parecia ter um som diferente quando todas aquelas pessoas saltitantes e risonhas entravam correndo nas ondas. A velha sra. Fairfield, usando um vestido lilás de algodão e um chapéu preto amarrado sob o queixo, reuniu sua pequena ninhada e a aprontou. Os menininhos Trout agitaram suas camisetas acima das próprias cabeças, e lá

se foram os cinco à toda velocidade, enquanto a avó deles ficou sentada com uma mão na bolsa de tricô, pronta para sacar o novelo de lã quando estivesse convencida de que eles estavam seguros no mar.

As pequenas e inflexíveis menininhas não tinham metade da coragem dos meninos sensíveis e de aparência delicada. Pip e Rags, tremendo, agacharam-se e esbofetearam a água, sem nunca hesitar. Mas Isabel, que conseguia nadar doze braçadas, e Kezia, que quase conseguia nadar oito, seguiram-nos apenas através do estrito entendimento de que eles não deviam jogar água nelas. Lottie, por sua vez, não os seguiu. Por favor, ela gostava de ser deixada para trás para poder seguir seu próprio caminho. E esse caminho consistia em se sentar na beira da água com as pernas esticadas e os joelhos bem juntos, e fazer movimentos vagos com os braços como se esperasse que o mar a levasse boiando. Mas, quando uma onda maior do que a normal, daquelas capazes de carregar alguém, vinha em sua direção, ela se levantava correndo com uma expressão horrorizada e voava praia acima.

— Aqui, mãe, a senhora pode guardar esses para mim?

Dois anéis e uma fina corrente de ouro caíram no colo da sra. Fairfield.

— Sim, querida. Mas você não vai entrar na água?

— Não — Beryl falou arrastado. Ela soava distante. — Vou me despir mais para frente. Vou mergulhar com a sra. Harry Kember.

— Muito bem. — Os lábios da sra. Fairfield se uniram numa linha fina. Desaprovava a sra. Harry Kember e Beryl sabia disso.

Coitada e velha mãe, ela sorriu, ao passar os olhos pelas pedras. Coitada e velha mãe! Velha! Ah, que alegria, que bênção ser jovem...

— Você parece muito satisfeita — disse a sra. Harry Kember. Estava sentada nas pedras, encurvada, com os braços ao redor dos joelhos, fumando.

— Está um dia tão agradável — disse Beryl, sorrindo para ela.

— Ah, minha *querida!*

A voz da sra. Harry Kember soava como se ela soubesse de alguma coisa. Embora, na verdade, sua voz sempre soasse como se ela soubesse mais sobre você do que você mesmo. Era uma mulher esguia e de aparência estranha, com mãos e pés estreitos. Seu rosto também era comprido e afunilado, além de parecer exausto. Até sua franja clara e encaracolada parecia queimada e murcha. Era a única mulher na baía que fumava, e o fazia sem parar, mantendo o cigarro entre os lábios enquanto falava e só o tirava quando as cinzas estavam tão compridas

que não se podia entender por que não tinham caído antes. Quando ela não estava jogando *bridge* — jogava todos os dias de sua vida —, passava o resto do tempo deitada sob o brilho intenso do sol. Conseguia suportar ficar debaixo dele quanto tempo fosse necessário, nunca sendo o suficiente para ela. Ainda assim, o astro não parecia aquecê-la. Ressecada, murcha, fria, esticava-se sobre as pedras como se fosse um pedaço dos destroços abandonados. As mulheres da baía achavam-na muito, muito imoral. Sua falta de vaidade, suas gírias, o modo com que tratava os homens como se fosse um deles e o fato de não dar a mínima para sua casa e chamar a empregada Graça de “Gracinha”, eram vergonhosos. De pé, nos degraus da varanda, a sra. Kember chamava-a com sua voz cansada e indiferente:

— Estou falando, Gracinha, você bem que poderia me arranjar um lenço se tiver um, não?

E Gracinha, com um laço vermelho no cabelo em vez de uma touca e sapatos brancos, vinha correndo com um sorriso descarado. Era um escândalo absoluto! Verdade, ela não tinha filhos, e seu marido... Aqui as vozes sempre se elevavam, tornavam-se fervorosas. Como ele foi capaz de se casar com ela? Como ele foi capaz? Devia ter sido por causa de dinheiro, claro, mas mesmo assim!

O marido da sra. Kember tinha pelo menos dez anos a menos do que ela, e era tão incrivelmente bonito que mais

se parecia com uma escultura ou um desenho perfeito de um romance americano do que um homem. Cabelo preto, olhos azuis escuros, lábios vermelhos, um sorriso lento e sonolento. Era um bom jogador de tênis, um excelente dançarino e, com tudo isso, um mistério. Harry Kember era como um sonâmbulo. Os homens não o suportavam; não conseguiam arrancar uma palavra do sujeito. Ele ignorava a esposa tanto quanto ela o ignorava. Como ele vivia? Claro que havia histórias, mas que histórias! Simplesmente não se podia contá-las. As mulheres com quem tinha sido visto, os lugares onde tinham o visto... mas nada era certo, nada definido. Algumas das mulheres da baía pensavam consigo mesmas que, um dia, ele cometeria um assassinato. Sim, enquanto conversavam com a sra. Kember e absorviam a combinação horrível de suas vestimentas, elas a viam, esticada na praia, mas fria, coberta de sangue, e com um cigarro ainda enfiado no canto da boca.

A sra. Kember se levantou, bocejou, soltou a fivela do cinto e puxou a fita da blusa. E Beryl tirou a saia e a camisa, ficou só com uma curta anágua branca, e a roupa debaixo com laços de fita nos ombros.

— Misericórdia! — disse a sra. Harry Kember. — Que belezinha você é!

— Não comece — disse Beryl baixinho, mas, tirando uma meia e depois a outra, sentiu-se uma belezinha.

— Minha querida... por que não? — perguntou a sra. Harry Kember, pisando em sua própria anágua. Honestamente, as roupas de baixo dela! Uma calcinha azul de algodão e um corpete de linho que de algum modo lembrava uma fronha. — E você não usa espartilho, usa?

Ela tocou a cintura de Beryl e esta última pulou para trás com um gritinho afetado, dizendo com firmeza:

— Nunca!

— Criaturinha sortuda — suspirou a sra. Kember, de-sabotando o seu.

Beryl deu-lhe as costas e os movimentos complicados de alguém que está tentando tirar a roupa e colocar o traje de banho ao mesmo tempo começaram.

— Ah, minha querida, não se importe comigo — disse a sra. Harry Kember. — Por que a timidez? Não vou comer você. Nem ficarei chocada como aquelas imbecis. — Com sua estranha risada relinchada, fez uma careta para as outras mulheres.

Mas Beryl era tímida. Nunca se despia na frente de ninguém. Isso era bobo? A sra. Harry Kember a fez sentir que sim, até mesmo algo pelo qual se envergonhar. De fato, por que a timidez? Lançou um olhar rápido à amiga, que estava ali de pé, tão ousada em sua camisa rasgada e acendendo outro cigarro. E um sentimento ligeiro, audacioso e maligno

surgiu em seu peito. Rindo de forma imprudente, vestiu o traje de banho molenga, arenoso por não estar inteiramente seco, e abotoou os botões retorcidos.

— Melhor assim — disse a sra. Harry Kember. As duas começaram a descer juntas à praia. — Realmente, é um pecado você usar roupas, minha querida. Alguém tinha de lhe dizer isso algum dia.

A água estava bem morna. Era daquele azul transparente maravilhoso, salpicado pela cor prata, e a areia parecia ouro no fundo. Quando você chutava com os dedos do pé, subia uma pequena lufada de poeira dourada. Agora as ondas alcançavam seu peito. Beryl parou com os braços estendidos, olhando fixamente, e a cada onda que vinha, dava um pulinho, dessa forma parecia que a onda a erguia suavemente.

— Acredito em moças bonitas se divertindo — disse a sra. Harry Kember. — Por que não? Não cometa nenhum erro, minha querida. Aproveite.

E, de repente, ela virou uma tartaruga, desapareceu e nadou para longe rapidamente, veloz como um rato. Então deu uma volta brusca e começou a nadar de volta. Ia dizer mais alguma coisa. Beryl sentiu que estava sendo envenenada por essa mulher fria, mas ansiava por ouvi-la. Mas, ah, que estranho, que horrível! Quando a sra. Harry Kember se aproximou, ela parecia, de touca preta à prova d'água, com

o rosto sonolento pairando sobre a água e apenas o queixo tocando a superfície, uma horrível caricatura do próprio marido.

6

Em uma cadeira de praia, sob uma árvore manuka no meio do gramado da frente, Linda Burnell sonhou durante a manhã inteira. Não fez nada. Olhava para cima, onde estavam as folhas escuras, fechadas e secas da manuka, no mesmo lugar em que, entre as fendas azuis, aqui e ali, tinha uma minúscula flor amarelada caindo sobre ela. Encantadora — sim, se você segurasse uma dessas flores na palma da mão e a olhasse de perto, era uma coisinha primorosa. Cada pétala amarelo-pálida brilhava como se fosse resultado do trabalho cuidadoso de uma mão amorosa. A pequena língua no centro dava-lhe a forma de um sino. E, quando você a virava, a parte de fora tinha um tom de bronze escuro. Mas, assim que floresciam, caíam e se espalhavam. Você as sacudia das roupas enquanto conversava; as coisinhas odiosas grudavam no cabelo. Ora, por que florescer, então? Quem se dá ao trabalho — ou à alegria — de fazer todas essas coisas que são desperdiçadas, simplesmente desperdiçadas... Era misterioso.

Ao seu lado, deitado entre dois travesseiros na grama, estava o menino. Dormia pesadamente, com a cabeça virada para o lado oposto ao de sua mãe. Seu cabelo fino e escuro parecia mais uma sombra do que cabelo de verdade, sua orelha era de um coral brilhante e profundo. Linda juntou as mãos sobre a cabeça e cruzou os pés. Era muito agradável saber que todos aqueles bangalôs estavam vazios, que todo mundo havia descido para a praia, fora do ângulo de visão, fora do alcance da audição. Ela tinha o jardim para si; estava sozinha.

As cravinas brilhavam num branco deslumbrante; as calêndulas amarelas cintilavam; as capuchinhas envolviam os pilares da varanda em chamas verdes e douradas. Se ao menos alguém tivesse tempo o suficiente para olhar essas flores, tempo para superar a sensação de novidade e estranheza, tempo para conhecê-las! Mas assim que se parava para retirar as pétalas, para descobrir o lado inferior da folha, lá vinha a Vida e levava a pessoa embora. E, deitada em sua cadeira de vime, Linda se sentiu muito leve, sentia que era como uma folha. A Vida veio junto como se fosse um vento e ela foi capturada e abalada. Tinha de ir. Ah, céus, seria sempre assim? Não havia escapatória?

... Nesse momento, estava sentada na varanda de sua casa de estilo tasmaniano, reclinada contra o joelho de seu pai. E ele prometeu:

— Assim que você e eu tivermos idade suficiente, Linny, vamos sumir para algum lugar, vamos fugir. Dois meninos juntos. Tenho uma fantasia, na qual eu iria gostar de navegar por um rio da China.

Linda viu o tal rio, muito largo, coberto por pequenas jangadas e barcos. Viu os chapéus amarelos dos barqueiros e ouviu suas vozes fortes e finas enquanto chamavam...

— Sim, papai.

Mas então um jovem de costas bem largas e com o cabelo ruivo brilhante passou lentamente pela casa deles. E, devagar, até mesmo com solenidade, os saudou. O pai de Linda puxou a orelha dela com a intenção de provocá-la, como de costume.

— O namoradinho da Linny — sussurrou ele.

— Ah, papai, imagina ser casada com Stanley Burnell!

Bem, ela era casada com ele. E, ainda por cima, amava-o. Não o Stanley que todos viam. Não aquele do dia a dia, mas um Stanley tímido, sensível, inocente que se ajoelhava toda noite para rezar e que queria ser bom. Stanley era simples. Se acreditava nas pessoas — como acreditava nela, por exemplo — era com todo seu coração. Ele não conseguia ser desleal; não era capaz de dizer uma mentira sequer. E como era terrível o seu sofrimento se pensasse que alguém — ela — não estava sendo mortalmente correta, mortalmente sincera com ele!

— Isso é complicado demais para mim! — ele atirava as palavras, mas seu olhar claramente trêmulo e perturbado era igual ao de uma fera aprisionada.

Mas o problema era — Linda se sentia quase inclinada a rir nesse momento, embora Deus saiba que isso não é motivo para piada — que ela via o *seu* Stanley muito raramente. Havia lampejos, momentos, arquezos de calma, mas todo o resto do tempo era como viver numa casa que não era capaz de perder o hábito de pegar fogo, num barco que naufragava todos os dias. E era sempre Stanley quem estava mais perto do perigo. Ela gastava todo o seu tempo o resgatando, restaurando-o, acalmando-o e ouvindo a história dele. E o que sobrava, era gasto com o pavor de ter filhos.

Linda franziu a testa, sentou-se depressa na cadeira de praia e agarrou os tornozelos. Sim, essa era a sua real aversão pela vida, o que não conseguia entender. Fazia essa a pergunta repetidamente e, em vão, ficava à escuta na espera de uma resposta. Era muito fácil dizer que é normal às mulheres terem filhos. Isso não é verdade. Ela, por exemplo, era prova de que isso era mentira. Por causa da gravidez, estava despedaçada, enfraquecida e sua coragem desapareceu. E o que tornava isso duplamente mais difícil de suportar era que ela não amava seus filhos. Era

um fingimento inútil. Mesmo se tivesse forças, ela jamais teria cuidado das meninas e brincado com elas. Não, era como se um sopro gelado a tivesse congelado dos pés à cabeça durante cada uma daquelas jornadas terríveis; não lhe restava calor para dar a elas. Quanto ao menino — bem, graças a Deus, a mãe o pegara. Ele era da mãe, ou da Beryl, ou de qualquer um que o quisesse. Linda mal o tinha segurado em seus braços. Era tão indiferente a ele que, enquanto o pequeno jazia ali... Linda olhou para baixo.

O menino tinha se virado. Estava de frente para ela e já não dormia mais. Seus olhos azuis escuros de bebê estavam abertos; parecia espiar a própria mãe. E, de repente, seu rosto ganhou covinhas, nada menos do que um sorriso largo e banguela de perfeita alegria.

“Estou aqui!”, o sorriso feliz parecia dizer. “Por que você não gosta de mim?”

Havia algo de tão singular, tão inesperado naquele sorriso que Linda sorriu para si mesma. Mas ela se conteve e disse friamente ao menino:

— Não gosto de bebês.

“Não gosta de bebês?”, o menino não conseguia acreditar nela. “Não gosta *de mim?*”

Ele sacudiu os braços para a mãe feito um bobo. Linda abandonou a cadeira na grama.

— Por que você não para de sorrir? — ela perguntou severamente. — Se soubesse no que eu estava pensando, não sorriria.

Mas ele apenas apertou os olhos e, astutamente, rolou a cabeça no travesseiro. O menino não acreditou numa palavra sequer do que a mãe dissera.

“Nós sabemos de tudo!” O menino sorriu.

Linda ficou tão surpresa com a confiança daquela criaturinha... Ah, não, seja sincera. Não era isso o que sentia; era algo muito diferente, algo tão novo, tão... Lágrimas dançaram em seus olhos e ela soprou um sussurro para o menino:

— Olá, meu engraçadinho!

Mas àquela altura o menino tinha se esquecido de sua mãe. Estava sério de novo. Alguma coisa rosa, alguma coisa macia se agitava na sua frente. Tentou agarrá-la e ela imediatamente desapareceu. Mas quando se deitou de novo, outra, como a primeira, apareceu. Dessa vez, ele estava decidido a pegá-la, fez um tremendo esforço para isso e rolou para a direita.

7

A maré baixou; a praia ficou deserta, o mar morno recuava preguiçosamente. O sol batia, agredia a areia fina com seu calor e ardência, cozinhando os seixos cinzas, azuis, pretos e os listrados de branco. Absorvia cada gotinha de água na parte oca das conchas curvas; desbotava as corriolas-campestres rosa que se enroscavam por completo entre as dunas de areia. Nada parecia se mover além das pequenas pulgas-do-mar. *Pit-pit-pit*. Nunca ficavam paradas.

Adiante, na maré baixa, as rochas cobertas de algas marinhas pareciam feras desgrenhadas descendo até a água a fim de bebê-la, a luz do sol dava a impressão de girar como uma moeda de prata que caía em cada uma das piscininhas rochosas. Dançavam, estremeciam, e pequenas ondulações banhavam as margens litorâneas porosas. Ao olhar para baixo, com o corpo dobrado, cada poça era como um lago com casas rosa e azuis amontoadas às margens; e ah! o vasto campo montanhoso por detrás dessas casas — as

ravinas, os desfiladeiros, os riachos perigosos e as trilhas assustadoras que levavam à beira da água. Embaixo, a flora marinha — com árvores de folhagem cor-de-rosa semelhante a um amontoado de fios, anêmonas de veludo, algas laranja com pontinhos avermelhados — ondulava. Nesse momento, uma pedra no fundo se moveu, balançou-se, e houve um lampejo de um sinal obscuro, uma criatura filiforme oscilou e se perdeu. Algo estava acontecendo com as ondeantes florestas rosáceas; elas mudaram para um tom azul, frio como o luar. Então soou um *plop* débil. Quem fez esse som? O que estava acontecendo ali embaixo? E quão forte e quão úmido era o cheiro das algas sob o sol quente...

As cortinas verdes dos bangalôs da colônia de férias estavam fechadas. Nas varandas, os trajes de banho exauridos e as ásperas toalhas listradas jaziam de bruços nos cercados, largados sobre as cercas. Cada janela dos fundos parecia abrigar um par de sapatilhas no parapeito, além de alguns pedaços de pedra ou um balde ou até uma coleção de conchas de abalone. Os arbustos estremeciam no mormaço; a estrada de areia estava vazia, exceto pelo cachorro dos Trout, Sinuca, estirado bem no meio dela. Seu olho azul estava virado para cima, as pernas esticadas, e ele dava uma ocasional arfada que soava desesperada,

como se dissesse que não aguentava mais passar por isso e estivesse apenas esperando alguma carroça bondosa se aproximar.

— O que você está olhando, vovó? Por que a senhora fica parando e fica como se estivesse encarando a parede?

Kezia e sua avó estavam fazendo a sesta juntas. A menininha, vestida apenas com sua calcinha e a parte de cima do corpete, de braços e pernas desnudos, deitara-se num dos travesseiros de penas da cama da avó, e a senhora, num roupão branco de babados, ocupava uma cadeira de balanço ao lado da janela, com uma longa peça de tricô rosa no colo. Esse quarto que compartilhavam, como os outros do bangalô dela, era de madeira clara envernizada e o chão sem nenhum adorno. A mobília era a mais gasta e simples possível. A penteadeira, por exemplo, consistia num caixote envolvido por uma anágua de musselina florida, e o espelho logo acima era muito estranho, era como se um pedacinho de relâmpago bifurcado estivesse aprisionado ali dentro. Na mesa, havia um vaso com cravos-do-mar, tão amontoados que mais pareciam uma almofada de alfinetes aveludada, e uma concha especial que Kezia dera à avó para servir como uma bandejinha para alfinetes, e outra, ainda mais especial, que ela pensou que poderia ser um excelente lugar para guardar um relógio.

— Conte, vovó — pediu Kezia.

A idosa suspirou, deu duas voltas ao redor do dedão com a lâ e passou a agulha de osso no meio. Dava uns pontos na costura.

— Estava pensando no seu tio William, querida — respondeu, baixinho.

— Meu tio australiano William? — perguntou Kezia, ela tinha mais de um tio William.

— Sim, é claro.

— Aquele que eu nunca vi?

— Esse mesmo.

— Bom, o que aconteceu com ele? — Kezia sabia muito bem, mas queria que a avó contasse de novo.

— Foi para as minas, teve insolação por lá e morreu — disse a velha sra. Fairfield.

Kezia piscou e imaginou o cenário outra vez... um homenzinho caído como um soldado de chumbo ao lado do grande buraco negro.

— Pensar nele deixa a senhora triste, vovó? — Odiava que a avó ficasse triste.

Foi a vez da idosa parar e refletir. Voltar ao passado longínquo. Perscrutar os anos, como Kezia a vira fazer. Isso a entristecia? Cuidar *deles* como uma mulher faz, mesmo muito tempo depois, quando *eles* já tinham sumido de vista. Isso a entristecia? Não, a vida era assim.

— Não, Kezia.

— Mas por quê? — perguntou a menina. Ela ergueu um dos braços desnudos e começou a desenhar coisas no ar. — Por que o tio William teve que morrer? Ele não era velho.

A sra. Fairfield começou a contar os pontos em trios.

— Aconteceu — disse, numa voz absorta.

— Todo mundo tem que morrer? — questionou Kezia.

— Todo mundo!

— *Eu?* — a voz da criança soou temerosamente incrédula.

— Algum dia, minha querida.

— Mas, vovó... — Kezia balançou a perna esquerda e mexeu os dedos do pé. Tinha a sensação de estarem cheios de areia. — E se eu não quiser morrer?

A senhora suspirou de novo e puxou um fio comprido do novelo.

— Não nos perguntam nossa opinião, Kezia — disse ela tristemente. — Simplesmente acontece com todos nós, mais cedo ou mais tarde.

Kezia continuou pensando nisso. Não queria morrer. Isso significava que ela teria de ir embora dali, abandonar todos os lugares, para sempre. Ir embora — deixar a sua avó. Ela girou na cama de repente.

— Vovó — disse, com uma voz sobressaltada.

— O quê, meu amor?

— *A senhora* não vai morrer. — Kezia estava muito decidida.

— Ah, Kezia. — Sua vó ergueu os olhos e sacudiu a cabeça enquanto sorria. — Não vamos falar disso.

— Mas a senhora não pode. Não seria capaz de me abandonar. Não poderia não estar lá com a gente. — Isso era horrível. — Prometa para mim que a senhora nunca vai morrer, vovó — implorou a menina.

A idosa continuou tricotando.

— Prometa! Diga que nunca!

Mas, ainda assim, a avó continuou calada.

Kezia rolou para fora da cama; ela não conseguia mais aguentar. E, com leveza, pulou para o colo da avó, passou os braços ao redor do pescoço dela e começou a beijá-la, embaixo do queixo, atrás da orelha e até soprou o pescoço da idosa.

— Diga que nunca... nunca... nunca... — Ela ofegou entre os beijos. E então começou, de forma muito suave e leve, a fazer cócegas na avó.

— Kezia! — A idosa deixou o tricô cair, fazendo a cadeira de balanço oscilar de volta. Começou a retribuir as cócegas da neta.

— Diga que nunca, nunca, nunca — a menina gorgolejou, enquanto as duas se deitavam e riam uma nos braços da outra.

— Vamos, chega disso, meu esquilinho! Já chega, meu pônei selvagem! — disse a velha sra. Fairfield, ajeitando a touca. — Pegue meu tricô.

Ambas acabaram por esquecer qual era o assunto que envolvia o “nunca”.

O sol ainda batia no jardim inteiro quando a porta dos fundos dos Burnell fechou-se com um estrondo, e uma figura muito alegre avançou pelo caminho até o portão. Era Alice, a empregada, vestida para o seu passeio da tarde. Trajava um vestido branco de algodão com manchas vermelhas tão grandes (e tantas) que chegava a dar calafrios, sapatos brancos e um chapéu de palha de aba voltada para cima, adornado com papoulas. Claro que usava luvas, brancas também, com manchas de ferrugem nas amarras e, numa das mãos, ela carregava uma sombrinha de aparência muito puída, a qual se referia como seu *paráivel*.

Beryl, sentada no parapeito da janela, abanando o cabelo recém-lavado, achou que nunca tinha visto uma bagunça tão completa em forma de pessoa. Se antes de sair Alice ao menos tivesse pintado o rosto com uma rolha queimada, o quadro estaria completo. E aonde uma garota dessas ia num lugar como esse? O leque fijiano de mão com formato de coração batia desdenhosamente naquela adorável cabeleira brilhante.

Beryl imaginava que Alice escolhera algum jovem travesso, comum e horrível e que eles iriam juntos para alguma moita. Uma pena que a empregada tenha se arrumado de maneira tão notável, os dois teriam de trabalhar duro para se esconder com Alice vestida com aquela fantasia ridícula.

Mas não, Beryl fora injusta. Alice estava indo tomar chá com a sra. Stubbs, que lhe enviara um “convite” através do menininho de recados. A empregada tinha começado a gostar muito da sra. Stubbs, desde a primeira vez que foi à loja comprar alguma coisa para se livrar dos mosquitos.

— Santo coração! — A sra. Stubbs havia batido a mão em seu flanco. — Nunca vi alguém tão mordida. Parece que você foi atacada por balas de canhão.

Alice realmente queria que houvesse alguém pela estrada. Era estranho não ter ninguém atrás de si, deixava-a incomodada. Fazia com que se sentisse frágil. Não conseguia acreditar que ninguém a observava. Porém, era tolice olhar para trás; fazer isso seria como se autodenunciar. Ela puxou as luvas para cima, cantarolou para si mesma e disse ao eucalipto distante:

— Não vai demorar muito agora. — Mas a árvore não chegava a ser uma companhia.

A loja da sra. Stubbs ficava num montículo à beira da estrada. Tinha duas grandes vitrines, uma varanda larga

como um chapéu e a placa no telhado, na qual estava rabiscado SRA. STUBBS, era como um cartãozinho espetado com descaso na copa do chapéu.

Pendurado na varanda, havia um longo varal de trajes de banho, agarrados uns aos outros como se tivessem sido resgatados do mar naquele instante em vez de estarem à espera para entrar nele. Logo ao lado, pendia um amontoado de sapatilhas tão extraordinariamente misturadas que, para encontrar um par, era necessário separá-las à força e organizar pelo menos umas cinquenta delas. Mesmo assim, era a coisa mais rara do mundo casar um pé esquerdo com um direito. Muitas pessoas perdiam a paciência e partiam com um sapato que cabia e outro que era um pouco maior do que deveria... A sra. Stubbs se orgulhava de guardar um tantinho de tudo. As duas vitrines, dispostas em forma de pirâmides precárias, estavam tão abarrotadas, com pilhas tão altas, que parecia que apenas um mágico poderia impedi-las de tombarem. No canto esquerdo de uma das vitrines, colada ao vidro por quatro losangos gelatinosos, havia — e desde os tempos imemoriais estava ali — um aviso.

Perdido! Bunito broche de oro

Ouro sólido

Na ou perto da praia
Oferece-se recompensa

Alice empurrou a porta. O sino tocou, as cortinas vermelhas de sarja se abriram e a sra. Stubbs apareceu. Com seu sorriso largo e a comprida faca de cortar carne na mão, parecia uma salteadora amigável. Alice foi recebida tão calorosamente que achou difícil manter seus “modos”, os quais consistiam em pequenos pigarros e tosses persistentes, puxões nas luvas, ajustes bruscos nas saias e uma curiosa dificuldade em ver o que estava diante de si ou entender o que era dito.

O chá foi servido na mesa da sala de estar — presunto, sardinhas, meio quilo de manteiga e um bolo de pão tão grande que parecia ser uma propaganda do fermento de alguém. O fogareiro da Primus rugia tão alto que era inútil tentar impor a voz sobre o ruído. Alice se sentou na beirada da cadeira de vime enquanto a sra. Stubbs aumentava ainda mais o fogo. De repente, a dona da casa arrancou a almofada de uma cadeira e revelou um grande pacote embrulhado em papel pardo.

— Acabei de tirar umas fotos, minha querida — ela gritou alegremente para Alice. — Diga-me o que acha delas.

De modo muito delicado e refinado, Alice molhou o dedo e levantou o papel de seda da primeira foto. Meu Deus!

Quantas estavam ali! Pelo menos três dúzias repousavam no embrulho. E ela a levantou contra a luz.

A sra. Stubbs estava sentada numa poltrona, bastante inclinada para um dos lados. Seu rosto exibia uma expressão de leve deslumbramento. E deveria ter mesmo, pois, embora a poltrona ficasse em cima de um tapete, à esquerda dela, contornando miraculosamente a borda dele, tinha uma cachoeira impetuosa. À sua direita, havia um pilar grego com uma gigantesca samambaia de ambos os lados, e no plano de fundo, uma montanha lúgubre se agigantava, empalidecida pela neve.

— É um estilo bonito, não é? — gritou a sra. Stubbs.

Alice tinha acabado de gritar “adorável” quando o barulho do fogareiro Primus diminuiu, chiou até cessar de vez, e ela disse “lindo” num silêncio assustador.

— Aproxime a cadeira, minha querida — disse a sra. Stubbs, começando a servir o chá. — Sim — disse pensativa enquanto lhe entregava a xícara —, mas não me importo com o tamanho. Vou fazer uma aumentação. Tudo ótimo com os cartões de Natal, mas eu nunca fui de fotinhas. Não se consegue ter nenhum consolo delas. Para dizer a verdade, eu as acho desanimadoras.

Alice entendeu muito bem o que ela quis dizer.

— Tamanho — disse a sra. Stubbs. — Quero maior. Era isso o que meu querido marido sempre dizia, pobrezinho.

Não conseguia tolerar nada pequeno. Ficava nervoso. E, por mais estranho que pareça, minha querida... — Nesse instante, a sra. Stubbs rangeu e pareceu se deixar levar pela memória. — Foi a hidropisia que o fez partir nos finalmente. Muitas vezes, eles tiraram uma caneca e meia dele no hospital. Parecia um julgamento.

Alice ardia de vontade de saber o que, exatamente, fora tirado dele. Arriscou:

— Suponho que fosse água.

Mas a sra. Stubbs cravou os olhos em Alice e respondeu, significativamente:

— Era *líquido*, minha querida.

Líquido! Alice pulou como um gato para longe da palavra e voltou a ela, fuçando com cautela.

— Olha ele ali — disse a sra. Stubbs.

E ela dramaticamente apontou para o busto em tamanho natural de um homem corpulento com uma rosa branca morta na lapela do casaco, que faria você pensar num anel de gordura fria de carneiro. Logo abaixo, no fundo de um cartão vermelho, letras prateadas diziam: “Não tema. Sou eu.”

— Vai ser pra sempre um rosto muito bonito — disse Alice quase sem voz.

O laço azul pálido no alto do cabelo frisado da sra. Stubbs estremeceu. Ela dobrou o pescoço roliço. Que pescoço tinha!

Começava com um cor-de-rosa brilhante, e depois mudava para uma cor quente de damasco e esta última desvanecia para o tom de um ovo marrom, e então para um creme escuro.

— Tanto faz, minha querida — disse ela, surpreendentemente. — Liberdade é melhor! — Sua risada macia e corpulenta soava como um ronronar. — Liberdade é melhor — disse, outra vez.

Liberdade! Alice deu uma risadinha alta, boba. Sentia-se esquisita. Sua mente voou de volta para sua própria cozinha. Sempre tão estranha! Queria voltar para ela logo.

Um grupo estranho se reuniu na lavanderia dos Burnell depois do chá. Ao redor da mesa, estavam sentados um touro, um galo, um burro — que a toda hora se esquecia de que era um burro —, uma ovelha e uma abelha. A lavanderia era o lugar perfeito para essa reunião, porque eles podiam fazer quanto barulho quisessem e ninguém nunca interrompia. Era uma barraquinha de estanho separada do bangalô. Contra a parede, ficava uma tina funda e, no canto, uma caldeira de cobre com um cesto com pregadores em cima. No parapeito empoeirado da janelinha, coberta por teias de aranha, tinha um pedaço de vela e uma ratoeira. Varais cruzavam-se no alto e, pendurada num gancho na parede, ficava uma gigantesca ferradura enferrujada. No centro, havia uma mesa com um banco de cada lado.

— Você não pode ser uma abelha, Kezia. Abelha não é animal, é minseto.

— Ah, mas eu quero muito, muito ser uma abelha! — lamentou Kezia.

Uma abelhinha, toda amarela e peludinha, com pernas listradas. Ela colocou as pernas para cima e se inclinou sobre a mesa. Sentia que era uma abelha.

— Um minseto deve ser um animal — disse, corajosamente. — Faz barulho. Não é igual a um peixe.

— Sou um touro, sou um touro — gritou Pip.

E ele deu um tremendo mugido. Como ele fez esse barulho? Foi tão alto que Lottie pareceu bastante alarmada.

— Vou ser uma ovelha — disse o pequeno Rags. — Um montão de ovelhas passou hoje de manhã.

— Como você sabe?

— O papai as escutou. *Béé!* — ele soava como um carneirinho que, trotando atrás, parecia esperar ser carregado.

— *Cocoricó!* — Isabel cacarejou. Com as bochechas vermelhas e olhos brilhantes, ela parecia um galo.

— O que eu vou ser? — Lottie perguntou a todos e ficou sorrindo, sentada e esperando que os demais decidissem por ela. Tinha de ser alguma coisa fácil.

— Seja um burro, Lottie — Kezia sugeriu. — *Ió!* Não dá para se esquecer disso.

— *Ió!* — disse Lottie solenemente. — Quando tenho que dizer isso?

— Vou explicar, vou explicar — disse o touro. Era ele quem dava as cartas. Sacudiu-as acima da cabeça. — Todos

fiquem quietos e escutem! — E o garoto os esperou. — Olhe aqui, Lottie. — Ele virou uma carta. — Tem dois pontos nessa aqui, está vendo? Agora, se você puser essa carta no meio e mais alguém também tiver uma com dois pontos, você diz “iô!” e a carta é sua.

— Minha? — Lottie arregalou os olhos. — Para sempre?

— Não, boba. Só durante o jogo, viu? Só enquanto estivermos jogando. — O touro foi muito grosseiro com ela.

— Ah, Lottie, você é um pouco boba — disse o galo orgulhoso.

Lottie olhou para os dois. Então abaixou a cabeça com o lábio tremendo.

— Não quero brincar — sussurrou.

Os outros se entreolharam como se fossem conspiradores. Todos sabiam o que isso significava. Ela iria embora e seria encontrada em algum lugar, parada com um babador na cabeça, num canto, ou contra uma parede, ou até mesmo atrás de uma cadeira.

— Quer *sim*, Lottie — disse Kezia. — É bem fácil.

E Isabel, arrependida, disse da mesma forma que uma adulta falaria:

— Olhe pra *mim*, Lottie, e você logo vai aprender.

— Anime-se, Lot — disse Pip. — Ah, já sei o que vou fazer. Vou lhe dar a primeira carta. É minha, na verdade,

mas vou dar pra você. Aqui está. — E ele jogou a carta ruidosamente na frente da menina.

Lottie renasceu com isso. Mas agora tinha outra dificuldade.

— Não tenho lenço — disse ela. — Também queria muito um.

— Aqui, Lottie, pode usar o meu. — Rags enfiou a mão por dentro de sua blusa de marinheiro e tirou um lenço bem úmido, amarrado nas pontas. — Tenha muito cuidado — avisou. — Só use esse canto. Não desfaça os nós. Tem uma estrelinha-do-mar aí dentro. Vou tentar domesticar.

— Ah, vamos, meninas — disse o touro. — E se lembrem de que não é para olhar as suas cartas. Vocês têm de manter as mãos embaixo da mesa até eu dizer “vai”.

Pronto, as cartas começaram a ser passadas ao redor da mesa. Eles tentaram com afínco ver, mas Pip era mais rápido do que eles. Era muito empolgante ficar sentado ali na lavandeira; tudo o que conseguiam fazer era se controlar para não começar um pequeno coro de animais antes de Pip terminar de dar as cartas.

— Agora, Lottie, você começa.

Timidamente, ela estendeu uma mão, pegou a carta de cima de seu maço, deu uma boa olhada nela — era óbvio que estava contando pontinhos — e a baixou.

— Não, Lottie, você não pode fazer isso. Não pode olhar primeiro. Você tem que virar ao contrário.

— Mas aí todo mundo vai ver na mesma hora que eu — disse a menina.

O jogo continuou.

— *Muuuu!* — O touro era terrível. Avançava sobre a mesa e parecia devorar as cartas.

— *Zzzzz!* — disse a abelha.

— *Cocoricó!* — Isabel se levantou e, tamanha foi sua empolgação, que mexeu os cotovelos como se fossem asas.

— *Béé!* — O pequeno Rags baixou o rei de ouros e Lottie baixou o que chamavam de rei da Espanha. Mal restavam cartas à menina.

— Por que você não faz o seu som, Lottie?

— Esqueci o que eu sou — disse o burro, infeliz.

— Então, muda! Seja um cachorro, em vez de burro!

Au-au!

— Ah, sim. Isso é *muito* mais fácil. — Lottie sorriu de novo.

Mas quando ela e Kezia tiveram uma carta com um pontinho, a segunda esperou de propósito. Os outros gesticularam para Lottie e apontaram. Ela ficou muito vermelha, parecia aturdida. Por fim, disse:

— *Ió!* Kezia.

— *Shh*, esperem um minuto! — Eles estavam bem no meio da discussão quando o touro os interrompeu, erguendo uma mão. — O que foi isso? Que barulho foi esse?

— Que barulho? — perguntou o galo. — Do que você está falando?

— *Shh!* Calem a boca! Ouçam! — Eles ficaram imóveis como ratos. O touro continuou: — Pensei ter ouvido meio que... meio que uma batida.

— Como era? — perguntou a ovelha, quase sem voz.

Nada de resposta.

A abelha estremeceu.

— Por que é que fechamos a porta? — questionou de forma suave.

Ah, por qual motivo, por qual motivo eles resolveram fechar a porta?

Enquanto estavam brincando, o dia esvanecera; o maravilhoso pôr-do-sol havia se incendiado e se apagado. E agora a escuridão ligeira avançava depressa sobre o mar, sobre as dunas de areia, subindo pelo pasto. Você teria medo de olhar os cantos da lavanderia, mas ainda assim era necessário olhá-los com todas as suas forças. E, em algum lugar bem distante, a vovó estava acendendo uma lamparina. As cortinas estavam sendo puxadas; o fogo da cozinha pulava nas latas sobre a cornija da lareira.

— Seria horrível se uma aranha de repente caísse do teto em cima da mesa, não seria? — perguntou o touro.

— Aranhas não caem do teto.

— Sim, elas caem sim. A nossa Min disse que viu uma aranha tão grande quanto um pires, com pelos compridos, iguais os que têm nas groselhas.

Depressa, todas as cabecinhas levantaram, todos os corpinhos se juntaram, se espremeram uns nos outros.

— Por que não vem ninguém chamar a gente? — choramingou o galo.

Ah, os adultos, risonhos e confortáveis, sentados na luz da lamparina enquanto bebem em xícaras! Tinham se esquecido deles. Não, não estavam esquecidos de verdade. Era isso o que o sorriso deles significava. Tinham decidido abandoná-los sozinhos.

De repente, Lottie deu um berro tão agudo que todos eles saltaram e gritaram juntos:

— Um rosto... um rosto olhando! — guinchou Lottie.

Era verdade, era real. Pressionado contra a janela, havia um rosto pálido, com olhos e barba negros.

— Vó! Mãe! Alguém!

Mas eles não conseguiram chegar até a porta, tropeçando uns sobre os outros, antes de ela ser aberta para o tio Jonathan. Ele tinha vindo para levar os menininhos para casa.

Jonathan tivera a intenção de chegar lá mais cedo, mas, no gramado do jardim da frente, ele encontrou Linda andando de um lado para o outro, parando para pegar uma rosa morta ou um graveto para escorar as pesadas peônias em flor, ou para inspirar profundamente o cheiro de alguma coisa. Então, voltava a andar, com seu arzinho distante. Ela usava um xale amarelo de franjas cor-de-rosa, da loja do chinês, por cima do vestido branco.

— Oi, Jonathan! — chamou Linda. E ele tirou o seu surrado chapéu panamá, pressionou-o contra o peito, ajoelhou-se e beijou a mão dela.

— Saudações, minha Beldade! Saudações, Flor de Pêssego Celestial! — ressoou a voz grave e gentil. — Onde estão as outras nobres damas?

— A Beryl foi jogar bridge e a minha mãe está dando banho no menino... Você veio pegar alguma coisa emprestada?

Os Trout sempre deixavam as coisas acabarem e iam pedir aos Burnell na última hora. Mas Jonathan apenas respondeu:

— Um pouquinho de amor, um pouquinho de gentileza.
— E caminhou ao lado da cunhada.

Linda se largou na rede de Beryl sob a árvore manuka e Jonathan se esticou ao lado dela no gramado, puxou um matinho comprido e começou a mascá-lo. Eles se conheciam bem. As vozes das crianças ecoavam dos outros jardins. A ligeira carroça de um pescador avançava, sacolejando pela estrada de areia e, de longe, ouviram um cachorro latindo — o som estava abafado, como se o animal tivesse um saco na cabeça. Se você prestasse atenção, seria capaz de ouvir o som suave da maré cheia açoitando os seixos. O sol mergulhava.

— E então, na segunda-feira, você volta para o escritório, Jonathan? — perguntou Linda.

— Na segunda, a porta da jaula vai se abrir e ranger em cima da vítima por mais onze meses e uma semana — respondeu Jonathan.

Linda se balançou um pouco.

— Deve ser horrível — disse devagar.

— Você quer me fazer rir, minha bela cunhada? Ou quer me fazer chorar?

Linda estava tão acostumada com a forma que Jonathan falava que nem reparava mais.

— Acho que as pessoas se acostumam — disse, incerta.
— A gente se acostuma com qualquer coisa.

— É? *Hum!* — O “hum” foi tão profundo que pareceu ter retumbado debaixo da terra. Então ele refletiu em voz alta: — Eu me pergunto como se faz isso. Eu nunca consegui.

Olhando-o deitado ali, Linda pensou outra vez no quanto ele era atraente. Era estranho pensar que Jonathan não passava de um escriturário comum, que Stanley ganhava o dobro. Qual era o problema dele? Ele não tinha ambição, supôs ser isso. E, ainda assim, dava para sentir que o cunhado era talentoso, excepcional. Era apaixonado por música; cada moedinha que sobrava, ele gastava com livros. Estava sempre cheio de novas ideias, projetos, planos. Mas não saía disso. O fogo da novidade ardia em Jonathan; você quase o escutava rugir baixinho enquanto ele explicava, descrevia e expandia o novo assunto; mas, no momento seguinte, a empolgação desaparecia e não sobrava nada além de cinzas, e Jonathan passava a andar com uma expressão faminta nos olhos negros. Nessas horas, ele exagerava na sua maneira absurda de falar e cantava na igreja — era o líder do coro — com uma intensidade dramática tão assustadora que o pior hino ganhava um esplendor profano.

— Para mim, parece tão imbecil, tão infernal ter de ir ao escritório na segunda-feira quanto sempre pareceu e sempre vai parecer — disse Jonathan. — Desperdiçar todos os melhores anos da vida sentado num banco das nove às

cinco, anotando no livro-caixa de alguém! É um jeito estranho de se usar a... a única vida de uma pessoa, não é? Ou estou me iludindo? — Ele rolou na grama e ergueu os olhos para Linda. — Diga, qual é a diferença entre a minha vida e a de um prisioneiro comum? A única diferença que eu enxergo é que eu me coloquei na cadeia e ninguém nunca vai me tirar de lá. Essa situação é mais insuportável do que a outra. Porque se tivessem me atirado dentro de uma cela contra a minha vontade, comigo me debatendo, uma vez que a porta estivesse trancada, pelo menos depois de uns cinco anos ou até mais, eu poderia vir a aceitar o fato e começar a me interessar pelo voo das moscas ou em contar os passos do carcereiro pelo corredor, com especial atenção às variações de caminhada e por aí vai. Mas, do modo como as coisas são, sou como um inseto que entrou voando numa sala por vontade própria. Eu me debato contra as paredes, me deparo com as janelas, pouso no teto, faço de um tudo nesse mundo divino, exceto, para falar a verdade, voar mundo afora. E, durante todo esse tempo, eu fico pensando, como aquela mariposa, ou era borboleta, o que quer que seja: “A vida é tão curta! A vida é tão curta!”. Só tenho uma noite ou um dia, e um jardim vasto e perigoso me espera lá fora, desconhecido, inexplorado.

— Mas, se você se sente assim, por que...? — Linda logo começou a perguntar.

— Ah! — exclamou Jonathan. E aquele “ah!” de algum modo soou quase exultante. — Aí você me pegou. Por quê? Por quê, de fato? Essa é a questão enlouquecedora, a pergunta misteriosa. Por que não voou mundo afora de novo? Ali está a janela, ou a porta, ou qualquer que seja o lugar por onde entrei. Não está irremediavelmente fechada... está? Por que não a encontro e fujo? Responda-me isso, cunhadinha. — Mas ele não lhe deu tempo para responder. — Sou exatamente igual àquele inseto, de novo. Por alguma razão... — Jonathan fez uma pausa no meio da fala. — Não é permitido. É proibido, é contra a lei dos insetos parar de se debater e pousar e me arrastar pela vidraça mesmo que por um instante. Por que não abandono o escritório? Por que não considero seriamente, neste momento, por exemplo, o que me impede de ir embora? Não é como se eu estivesse amarrado a ele por completo. Tenho dois meninos para sustentar, mas, afinal, são meninos. Eu poderia escapar para o mar, ou arranjar um emprego no campo, ou... — De repente, ele sorriu para Linda e disse, mudando a voz, como se estivesse contando um segredo: — Fraco... fraco. Sem vigor. Sem âncora. Sem princípios norteadores, vamos chamar assim.

Mas então a voz sombria e aveludada retumbou:

Você ouviria a história

Como ela se desdobra...

E eles ficaram em silêncio.

O sol se pôs. No céu ocidental, grandes massas de nuvens cor-de-rosa se sobrepunham. Largos raios de luz brilhavam por entre as nuvens e além delas, como se pretendessem cobrir o céu inteiro. No alto, o azul desvaneceu; tornou-se um dourado pálido, e os arbustos recortados contra ele reluziram, escuros e brilhantes como metal. Às vezes, quando aqueles raios de luz aparecem no céu, causam medo. Eles são capazes de lembrá-lo que, lá em cima, Jeová, o Deus ciumento, o Todo-Poderoso está observando você, sempre alerta, nunca cansado. Você se lembra de que, quando Ele vier, o mundo inteiro tremerá até virar um cemitério em ruínas; os frios e cintilantes anjos irão conduzi-lo de um lado para o outro, e não haverá tempo para explicar o que poderia ser explicado de forma muito simples... Mas, nessa noite, parecia a Linda que havia algo de infinitamente alegre e afetuoso naqueles raios prateados. E nenhum som veio do mar agora. Ele respirava suavemente, como se quisesse atrair aquela alegria, beleza e ternura para o seu próprio seio.

— Está tudo errado, está tudo errado — veio a voz sombria de Jonathan. — Não é a cena, não é o cenário para... três banquinhos, três mesas, três potes de tinta e um a tela na janela.

Linda sabia que ele nunca mudaria, mas disse:

— Mesmo agora, é tarde demais?

— Estou velho... estou velho — Jonathan entoou. Ele se curvou em sua direção, passando a mão pela própria cabeça. — Olhe! — Seu cabelo negro estava todo salpicado de prateado, como a plumagem do peito de um galo preto.

Linda ficou surpresa. Não fazia ideia de que ele estava grisalho. E, ainda assim, quando ele se levantou ao seu lado, suspirou e se espreguiçou, ela o viu, pela primeira vez sem sua perseverança, sem sua galhardia, mas cuidadoso, um homem tocado pela idade. Ele parecia muito alto na relva escurecida e um pensamento cruzou a sua mente: “Ele é como uma erva-daninha”.

Jonathan se abaixou outra vez e beijou os dedos dela.

— Que os Céus recompensem sua doce paciência, minha dama — murmurou ele. — Devo ir buscar os herdeiros de minha glória e fortuna...

E partiu.

Nas janelas do bangalô, o brilho da luz recaía como dois quadrados dourados sobre as rosas e as calêndulas no auge do seu desabrochar. Florrie, a gata, saiu à varanda e se sentou no degrau mais alto, com as patas brancas unidas e a cauda enrolada. Parecia contente, como se tivesse esperado por aquele momento o dia todo.

— Graças a Deus, está ficando tarde — disse Florrie.

— Graças a Deus, o longo dia acabou.

Seus olhos de ameixa verde se abriram.

Soou o barulho estrondoso da carruagem, o estalo do chicote de Kelly. Chegou perto o suficiente para as vozes dos homens da cidade serem ouvidas, falando alto uns com os outros. Ela parou no portão dos Burnell.

Stanley já estava a meio caminho da entrada quando viu Linda.

— É você, querida?

— Sim, Stanley.

Ele pulou o canteiro de flores e a agarrou em seus braços. Ela foi envolvida naquele abraço familiar, ávido e forte.

— Perdão, meu amor, perdão — balbuciou Stanley, e, com a mão no queixo dela, trouxe aquele rosto para perto do seu.

— Perdoar você? — Linda sorriu. — Mas pelo quê?

— Pelo amor de Deus! Você não pode ter se esquecido! — exclamou Stanley. — Não pensei em mais nada o dia todo. Tive um dia infernal. Decidi escapar e telegrafar, e então pensei que o telégrafo poderia não chegar até você antes de mim. Senti que estava sendo torturado, Linda.

— Mas, Stanley, por qual motivo devo perdoar você? — perguntou ela.

— Linda! — Stanley ficou muito magoado. — Você não percebeu...? Você deve ter percebido... que eu saí sem dizer tchau hoje de manhã!? Não consigo imaginar como posso ter feito uma coisa dessas. Meu maldito gênio, claro. Mas... bom... — E ele suspirou e a tomou em seus braços mais uma vez. — Já sofri o suficiente por causa disso hoje.

— O que é isso que você tem na mão? — Linda perguntou. — Luvas novas? Deixe-me ver.

— Ah, só um par baratinho de luvas de couro — disse Stanley humildemente. — Notei que Bell estava usando umas na carruagem hoje de manhã, então, quando passei pela loja,

entrei e comprei um par. Por que você está sorrindo? Não acha que isso foi errado, acha?

— Pelo *contrário*, meu amor — disse Linda. — Acho que foi muito sensato.

Ela pôs uma das luvas grandes e pálidas em seus dedos e olhou para a própria mão, virando-a para um lado e para o outro. Ainda estava sorrindo.

Stanley queria dizer: “Fiquei pensando em você o tempo todo, quando as comprei”. Essa era a verdade, mas, por algum motivo, ele não conseguiu dizer.

— Vamos entrar — falou.

Por que uma pessoa se sente tão diferente à noite? Por que é tão empolgante estar acordada quando todo mundo está dormindo? Tarde... é muito tarde! E, ainda assim, a cada momento, você se sente mais desperta, como se lentamente, quase que em cada respiração, despertasse num mundo novo, maravilhoso, muito mais emocionante e empolgante do que o da manhã. E que sensação estranha é essa de ser um conspirador? Leve e furtivamente, você se movimenta pelo quarto. Pega alguma coisa da penteadeira e põe de volta sem fazer nenhum barulho. E tudo, até mesmo a cabeceira, conhece você, reage, compartilha seus segredos...

Você não gosta muito do seu quarto durante o dia. Nunca pensa nele. Entra e sai, a porta se abre e se fecha com tudo, o armário range. Você se senta na beirada da sua cama, troca de sapatos e sai de novo. Mergulha em seu próprio reflexo no espelho, coloca duas presilhas no cabelo, passa um pó no nariz e vai embora outra vez. Mas, agora e

de repente, o quarto lhe é querido. É um quartinho querido e divertido. É seu. Ah, que alegria é ter coisas! Minhas, definitivamente minhas!

— Para sempre minhas, mesmo?

— Sim. — Seus lábios se encontraram.

É claro que não, aquilo não tinha nada a ver com isso. Era tudo bobagem e tolice. Mas, a despeito de si mesma, Beryl via duas pessoas paradas no meio do quarto de forma muito nítida. Seus braços estavam ao redor do pescoço do homem; ele a abraçava e sussurrava:

— Minha beleza, minha belezinha!

Pulou para fora da cama e se ajoelhou no assento sob a janela, com os cotovelos no parapeito. Mas a bela noite, o jardim, cada arbusto, cada folha, até mesmo as paliçadas brancas e as estrelas conspiravam com ela. A lua estava tão resplandecente que as flores estavam claras como se estivessem expostas à luz do dia; a sombra das capuchinhas, as folhas magníficas e as flores bem abertas se pareciam com lírios, espalhando-se pela varanda prateada. A manuka, encurvada pelos ventos meridionais, parecia um pássaro numa perna só enquanto estendia as asas.

Mas, quando Beryl olhou para os arbustos, pareceram-lhe tristes. Então, pesarosos, eles lhe disseram: “Somos

árvores estúpidas, estendendo a mão à noite, implorando por algo que não sabemos o que é.”

É verdade que, quando se está sozinha e se pensa na vida, é sempre triste. Toda essa empolgação e o que quer que venha junto dela, têm um jeito de repentinamente abandonar você, e é como se, no silêncio, alguém chamasse seu nome e você o ouvisse pela primeira vez.

“Beryl!”

“Sim, estou aqui. Sou a Beryl. Quem me quer?”

“— Beryl!”

— Deixe-me chegar até você.

É solitário morar sozinha. Claro, existem os parentes, amigos, um monte deles, mas não é isso o que ela quer dizer. Quer alguém que encontre a Beryl que nenhuma dessas pessoas conhece, que espere que ela seja sempre essa Beryl. Ela quer alguém que a ame.

— Leve-me para longe de toda essa gente, meu amor. Vamos para bem longe. Vamos viver a nossa vida, toda nova, toda nossa, desde o comecinho. Vamos acender nossa própria fogueira. Vamos nos sentar para comer juntos. Vamos ter longas conversas durante a noite.

E o pensamento era quase como: “Salve-me, meu amor. Salve-me!”.

— ...Ah, continue! Não seja puritana, minha querida. Aproveite enquanto ainda é jovem. Esse é o meu conselho.

E uma onda de risos bobos se juntou ao relincho alto e indiferente da sra. Harry Kember.

Entenda, é tão assustadoramente difícil quando não se tem ninguém. Você fica tão à mercê das coisas. Não pode simplesmente ser rude. E há sempre esse pavor de parecer inexperiente e pudica como as outras tontas da baía. E... e é fascinante saber que se tem poder sobre as pessoas. Sim, isso é fascinante...

Ah, por quê, ah, por que “ele” não vem logo?

Se eu continuar vivendo aqui, pensou Beryl, qualquer coisa pode acontecer comigo.

“Mas como você sabe que ele vai vir?”, debochou a vizinha dentro de si.

Mas Beryl a ignorou. Não podia ficar para trás. Outras pessoas, talvez, mas não ela. Era impossível pensar que Beryl Fairfield nunca se casaria, aquela adorável e fascinante garota.

“Você se lembra da Beryl Fairfield?”

“Se me lembro! Como se eu pudesse esquecê-la! Foi num verão na baía que a vi. Estava parada na praia, num vestido azul... Não, rosa... de musselina, segurando um grande chapéu creme... Não, preto... de palha. Mas já faz anos.”

“Está adorável como sempre, na verdade, mais do que nunca.”

Beryl sorriu, mordeu o lábio e fitou o jardim. Enquanto olhava, ela viu alguém, um homem, sair da estrada, avançar pelo pasto ao longo da cerca como se estivesse vindo diretamente até ela. Seu coração retumbava. Quem era? Quem poderia ser? Não podia ser um ladrão, certamente não era um ladrão, pois estava fumando e caminhava calmamente. O coração de Beryl deu um solavanco, pareceu que ia dar uma cambalhota e então parou. Ela o reconheceu.

— Boa noite, srta. Beryl — disse com uma voz suave.

— Boa noite.

— Não quer vir dar uma caminhada? — perguntou, pausadamente.

Dar uma caminhada... àquela hora da noite!

— Eu não poderia. Todo mundo está na cama. Todo mundo está dormindo.

— *Ah* — disse a voz com leveza, e uma lufada de fumaça doce chegou até ela. — Que importa todo mundo? Venha! A noite está tão bonita. Não há uma alma por perto.

Beryl balançou a cabeça. Mas alguma coisa já despertava dentro dela, algo que a fazia olhar para frente.

— Assustada? — zombou a voz. — Pobre menininha!

— Nem um pouco — disse ela. Assim que falou, aquela coisa frágil dentro de si pareceu se desenrolar, de repente, tornando-se tremendamente forte. Queria muito ir!

Como se o outro tivesse entendido isso muito bem, a voz soou gentil e baixa, finalmente dizendo:

— Venha comigo!

Beryl atravessou sua janela baixa, cruzou a varanda, correu pelo gramado até o portão. Ele o alcançou antes dela.

— Isso mesmo — arfante, a voz provocou: — Você não está assustada, está? Não está com medo?

Estava sim. Agora que estava ali, ficou apavorada, tudo lhe parecia diferente. A luz da lua a encarava e brilhava, as sombras eram como barras de ferro. Sua mão foi tomada.

— Nem um pouco — ela disse, com leveza. — Por que estaria?

Sua mão foi puxada gentilmente, com insistência. Ela resistiu.

— Não, não vou mais longe do que isso — disse Beryl.

— Ah, bobagem! — Harry Kember não acreditou nela.
— Venha comigo! Vamos só até aquele arbusto de fúcias. Venha comigo!

O arbusto de fúcias era alto. Esparramava-se por sobre a cerca como uma ducha. Havia um pequeno poço de escuridão sob ele.

— Não, não quero, de verdade — disse Beryl.

Por um momento, Harry Kember não respondeu. Então se aproximou, virou-se para ela, sorriu e disse depressa:

— Não seja boba! Não seja boba!

Seu sorriso era algo que ela nunca tinha visto antes. Estava bêbado? Aquele sorriso aberto, cego e aterrorizante a paralisou de medo. “O que estava fazendo? Como tinha vindo parar aqui?”, o jardim perguntou a ela com gravidade quando o portão foi escancarado, e, rápido como um gato, Harry Kember atravessou-o e a agarrou contra si.

— Diabinho frígido! Diabinho frígido! — disse a voz odiosa.

Mas Beryl era forte. Ela escorregou, desviou-se e se libertou.

— Você é mau, mau — disse ela.

— Então por que em nome de Deus você veio? — gaguejou Harry Kember.

Ninguém lhe respondeu.

Uma nuvem pequena e serena flutuou por cima da lua. Naquele momento de escuridão, o mar soou profundo e perturbado. Então, a nuvem foi embora, e o som do mar era um vago murmúrio, como se tivesse despertado de um sonho sombrio. Tudo estava calmo.

Traduzido por Carol Chiovatto

É escritora, tradutora e doutora em Letras — Estudos Linguísticos e Literários em Inglês (USP/FAPESP). Seu romance de estreia, a fantasia urbana *Porém Bruxa* (AVEC, 2019) recebeu o Prêmio Odisseia de Literatura Fantástica 2020 na categoria História Longa de Fantasia, e sua novela de ficção científica *Senciente Nível 5* (AVEC, 2020) foi finalista do Prêmio Jabuti 2021 na categoria Romance de Entretenimento.





At the Bay

Katherine Mansfield

Very early morning. The sun was not yet risen, and the whole of Crescent Bay was hidden under a white sea-mist. The big bush-covered hills at the back were smothered. You could not see where they ended and the paddocks and bungalows began. The sandy road was gone and the paddocks and bungalows the other side of it; there were no white dunes covered with reddish grass beyond them; there was nothing to mark which was beach and where was the sea. A heavy dew had fallen. The grass was blue. Big drops hung on the bushes and just did not fall; the silvery, fluffy toi-toi was limp on its long stalks, and all the marigolds and the pinks in the bungalow gardens were bowed to the earth with wetness. Drenched were the cold fuchsias, round pearls of dew lay on the flat nasturtium leaves. It looked as though the sea had beaten up softly in the darkness, as though one immense wave had come rippling, rippling—how far? Perhaps if you had waked up in the middle of the night you might have seen a big fish flicking in at the window and gone again....

Ah-Aah! sounded the sleepy sea. And from the bush there came the sound of little streams flowing, quickly, lightly, slipping between the smooth stones, gushing into ferny basins and out again; and there was the splashing of big drops on large leaves, and something else—what was it?—a faint stirring and shaking, the snapping of a twig and then such silence that it seemed some one was listening.

Round the corner of Crescent Bay, between the piled-up masses of broken rock, a flock of sheep came pattering. They were huddled together, a small, tossing, woolly mass, and their thin, stick-like legs trotted along quickly as if the cold and the quiet had frightened them. Behind them an old sheep-dog, his soaking paws covered with sand, ran along with his nose to the ground, but carelessly, as if thinking of something else. And then in the rocky gateway the shepherd himself appeared. He was a lean, upright old man, in a frieze coat that was covered with a web of tiny drops, velvet trousers tied under the knee, and a wide-awake with a folded blue handkerchief round the brim. One hand was crammed into his belt, the other grasped a beautifully smooth yellow stick. And as he walked, taking his time, he kept up a very soft light whistling, an airy, far-away fluting that sounded mournful and tender. The old dog cut an ancient caper or two and then drew up sharp, ashamed of his levity, and walked

a few dignified paces by his master's side. The sheep ran forward in little pattering rushes; they began to bleat, and ghostly flocks and herds answered them from under the sea. "Baa! Baaa!" For a time they seemed to be always on the same piece of ground. There ahead was stretched the sandy road with shallow puddles; the same soaking bushes showed on either side and the same shadowy palings. Then something immense came into view; an enormous shock-haired giant with his arms stretched out. It was the big gum-tree outside Mrs. Stubbs' shop, and as they passed by there was a strong whiff of eucalyptus. And now big spots of light gleamed in the mist. The shepherd stopped whistling; he rubbed his red nose and wet beard on his wet sleeve and, screwing up his eyes, glanced in the direction of the sea. The sun was rising. It was marvellous how quickly the mist thinned, sped away, dissolved from the shallow plain, rolled up from the bush and was gone as if in a hurry to escape; big twists and curls jostled and shouldered each other as the silvery beams broadened. The far-away sky—a bright, pure blue—was reflected in the puddles, and the drops, swimming along the telegraph poles, flashed into points of light. Now the leaping, glittering sea was so bright it made one's eyes ache to look at it. The shepherd drew a pipe, the bowl as small as an acorn, out of his breast pocket, fumbled for a chunk of

speckled tobacco, pared off a few shavings and stuffed the bowl. He was a grave, fine-looking old man. As he lit up and the blue smoke wreathed his head, the dog, watching, looked proud of him.

“Baa! Baaa!” The sheep spread out into a fan. They were just clear of the summer colony before the first sleeper turned over and lifted a drowsy head; their cry sounded in the dreams of little children... who lifted their arms to drag down, to cuddle the darling little woolly lambs of sleep. Then the first inhabitant appeared; it was the Burnells’ cat Florrie, sitting on the gatepost, far too early as usual, looking for their milk-girl. When she saw the old sheep-dog she sprang up quickly, arched her back, drew in her tabby head, and seemed to give a little fastidious shiver. “Ugh! What a coarse, revolting creature!” said Florrie. But the old sheep-dog, not looking up, wagged past, flinging out his legs from side to side. Only one of his ears twitched to prove that he saw, and thought her a silly young female.

The breeze of morning lifted in the bush and the smell of leaves and wet black earth mingled with the sharp smell of the sea. Myriads of birds were singing. A goldfinch flew over the shepherd’s head and, perching on the tiptop of a spray, it turned to the sun, ruffling its small breast feathers. And now they had passed the fisherman’s hut, passed the

charred-looking little *whare* where Leila the milk-girl lived with her old Gran. The sheep strayed over a yellow swamp and Wag, the sheep-dog, padded after, rounded them up and headed them for the steeper, narrower rocky pass that led out of Crescent Bay and towards Daylight Cove. “Baa! Baa!” Faint the cry came as they rocked along the fast-drying road. The shepherd put away his pipe, dropping it into his breast-pocket so that the little bowl hung over. And straightway the soft airy whistling began again. Wag ran out along a ledge of rock after something that smelled, and ran back again disgusted. Then pushing, nudging, hurrying, the sheep rounded the bend and the shepherd followed after out of sight.

A few moments later the back door of one of the bungalows opened, and a figure in a broad-striped bathing suit flung down the paddock, cleared the stile, rushed through the tussock grass into the hollow, staggered up the sandy hillock, and raced for dear life over the big porous stones, over the cold, wet pebbles, on to the hard sand that gleamed like oil. Splish-Splash! Splish-Splash! The water bubbled round his legs as Stanley Burnell waded out exulting. First man in as usual! He'd beaten them all again. And he swooped down to souse his head and neck.

“Hail, brother! All hail, Thou Mighty One!” A velvety bass voice came booming over the water.

Great Scott! Damnation take it! Stanley lifted up to see a dark head bobbing far out and an arm lifted. It was Jonathan Trout—there before him! “Glorious morning!” sang the voice.

“Yes, very fine!” said Stanley briefly. Why the dickens didn't the fellow stick to his part of the sea? Why should he

come barging over to this exact spot? Stanley gave a kick, a lunge and struck out, swimming overarm. But Jonathan was a match for him. Up he came, his black hair sleek on his forehead, his short beard sleek.

“I had an extraordinary dream last night!” he shouted.

What was the matter with the man? This mania for conversation irritated Stanley beyond words. And it was always the same—always some piffle about a dream he’d had, or some cranky idea he’d got hold of, or some rot he’d been reading. Stanley turned over on his back and kicked with his legs till he was a living waterspout. But even then.... “I dreamed I was hanging over a terrifically high cliff, shouting to some one below.” You would be! thought Stanley. He could stick no more of it. He stopped splashing. “Look here, Trout,” he said, “I’m in rather a hurry this morning.”

“You’re WHAT?” Jonathan was so surprised—or pretended to be—that he sank under the water, then reappeared again blowing.

“All I mean is,” said Stanley, “I’ve no time to—to—to fool about. I want to get this over. I’m in a hurry. I’ve work to do this morning—see?”

Jonathan was gone before Stanley had finished. “Pass, friend!” said the bass voice gently, and he slid away through the water with scarcely a ripple.... But curse the fellow!

He'd ruined Stanley's bathe. What an unpractical idiot the man was! Stanley struck out to sea again, and then as quickly swam in again, and away he rushed up the beach. He felt cheated.

Jonathan stayed a little longer in the water. He floated, gently moving his hands like fins, and letting the sea rock his long, skinny body. It was curious, but in spite of everything he was fond of Stanley Burnell. True, he had a fiendish desire to tease him sometimes, to poke fun at him, but at bottom he was sorry for the fellow. There was something pathetic in his determination to make a job of everything. You couldn't help feeling he'd be caught out one day, and then what an almighty cropper he'd come! At that moment an immense wave lifted Jonathan, rode past him, and broke along the beach with a joyful sound. What a beauty! And now there came another. That was the way to live—carelessly, recklessly, spending oneself. He got on to his feet and began to wade towards the shore, pressing his toes into the firm, wrinkled sand. To take things easy, not to fight against the ebb and flow of life, but to give way to it—that was what was needed. It was this tension that was all wrong. To live—to live! And the perfect morning, so fresh and fair, basking in the light, as though laughing at its own beauty, seemed to whisper, "Why not?"

But now he was out of the water Jonathan turned blue with cold. He ached all over; it was as though some one was wringing the blood out of him. And stalking up the beach, shivering, all his muscles tight, he too felt his bathe was spoilt. He'd stayed in too long.

III

Beryl was alone in the living-room when Stanley appeared, wearing a blue serge suit, a stiff collar and a spotted tie. He looked almost uncannily clean and brushed; he was going to town for the day. Dropping into his chair, he pulled out his watch and put it beside his plate.

“I’ve just got twenty-five minutes,” he said. “You might go and see if the porridge is ready, Beryl?”

“Mother’s just gone for it,” said Beryl. She sat down at the table and poured out his tea.

“Thanks!” Stanley took a sip. “Hallo!” he said in an astonished voice, “you’ve forgotten the sugar.”

“Oh, sorry!” But even then Beryl didn’t help him; she pushed the basin across. What did this mean? As Stanley helped himself his blue eyes widened; they seemed to quiver. He shot a quick glance at his sister-in-law and leaned back.

“Nothing wrong, is there?” he asked carelessly, fingering his collar.

Beryl’s head was bent; she turned her plate in her fingers.

“Nothing,” said her light voice. Then she too looked up, and smiled at Stanley. “Why should there be?”

“O-oh! No reason at all as far as I know. I thought you seemed rather—”

At that moment the door opened and the three little girls appeared, each carrying a porridge plate. They were dressed alike in blue jerseys and knickers; their brown legs were bare, and each had her hair plaited and pinned up in what was called a horse’s tail. Behind them came Mrs. Fairfield with the tray.

“Carefully, children,” she warned. But they were taking the very greatest care. They loved being allowed to carry things. “Have you said good morning to your father?”

“Yes, grandma.” They settled themselves on the bench opposite Stanley and Beryl.

“Good morning, Stanley!” Old Mrs. Fairfield gave him his plate.

“Morning, mother! How’s the boy?”

“Splendid! He only woke up once last night. What a perfect morning!” The old woman paused, her hand on the loaf of bread, to gaze out of the open door into the garden. The sea sounded. Through the wide-open window streamed the sun on to the yellow varnished walls and bare floor. Everything on the table flashed and glittered. In the middle there was an

old salad bowl filled with yellow and red nasturtiums. She smiled, and a look of deep content shone in her eyes.

“You might *cut* me a slice of that bread, mother,” said Stanley. “I’ve only twelve and a half minutes before the coach passes. Has anyone given my shoes to the servant girl?”

“Yes, they’re ready for you.” Mrs. Fairfield was quite unruffled.

“Oh, Kezia! Why are you such a messy child!” cried Beryl despairingly.

“Me, Aunt Beryl?” Kezia stared at her. What had she done now? She had only dug a river down the middle of her porridge, filled it, and was eating the banks away. But she did that every single morning, and no one had said a word up till now.

“Why can’t you eat your food properly like Isabel and Lottie?” How unfair grown-ups are!

“But Lottie always makes a floating island, don’t you, Lottie?”

“I don’t,” said Isabel smartly. “I just sprinkle mine with sugar and put on the milk and finish it. Only babies play with their food.”

Stanley pushed back his chair and got up.

“Would you get me those shoes, mother? And, Beryl, if you’ve finished, I wish you’d cut down to the gate and

stop the coach. Run in to your mother, Isabel, and ask her where my bowler hat's been put. Wait a minute—have you children been playing with my stick?"

"No, father!"

"But I put it here." Stanley began to bluster. "I remember distinctly putting it in this corner. Now, who's had it? There's no time to lose. Look sharp! The stick's got to be found."

Even Alice, the servant-girl, was drawn into the chase. "You haven't been using it to poke the kitchen fire with by any chance?"

Stanley dashed into the bedroom where Linda was lying. "Most extraordinary thing. I can't keep a single possession to myself. They've made away with my stick, now!"

"Stick, dear? What stick?" Linda's vagueness on these occasions could not be real, Stanley decided. Would nobody sympathize with him?

"Coach! Coach, Stanley!" Beryl's voice cried from the gate.

Stanley waved his arm to Linda. "No time to say good-bye!" he cried. And he meant that as a punishment to her.

He snatched his bowler hat, dashed out of the house, and swung down the garden path. Yes, the coach was there waiting, and Beryl, leaning over the open gate, was laughing up at somebody or other just as if nothing had happened. The

heartlessness of women! The way they took it for granted it was your job to slave away for them while they didn't even take the trouble to see that your walking-stick wasn't lost. Kelly trailed his whip across the horses.

"Good-bye, Stanley," called Beryl, sweetly and gaily. It was easy enough to say good-bye! And there she stood, idle, shading her eyes with her hand. The worst of it was Stanley had to shout good-bye too, for the sake of appearances. Then he saw her turn, give a little skip and run back to the house. She was glad to be rid of him!

Yes, she was thankful. Into the living-room she ran and called "He's gone!" Linda cried from her room: "Beryl! Has Stanley gone?" Old Mrs. Fairfield appeared, carrying the boy in his little flannel coatee.

"Gone?"

"Gone!"

Oh, the relief, the difference it made to have the man out of the house. Their very voices were changed as they called to one another; they sounded warm and loving and as if they shared a secret. Beryl went over to the table. "Have another cup of tea, mother. It's still hot." She wanted, somehow, to celebrate the fact that they could do what they liked now. There was no man to disturb them; the whole perfect day was theirs.

“No, thank you, child,” said old Mrs. Fairfield, but the way at that moment she tossed the boy up and said “a-goos-a-goos-a-ga!” to him meant that she felt the same. The little girls ran into the paddock like chickens let out of a coop.

Even Alice, the servant-girl, washing up the dishes in the kitchen, caught the infection and used the precious tank water in a perfectly reckless fashion.

“Oh, these men!” said she, and she plunged the teapot into the bowl and held it under the water even after it had stopped bubbling, as if it too was a man and drowning was too good for them.

IV

Wait for me, Isa-bel! Kezia, wait for me!”

There was poor little Lottie, left behind again, because she found it so fearfully hard to get over the stile by herself. When she stood on the first step her knees began to wobble; she grasped the post. Then you had to put one leg over. But which leg? She never could decide. And when she did finally put one leg over with a sort of stamp of despair—then the feeling was awful. She was half in the paddock still and half in the tussock grass. She clutched the post desperately and lifted up her voice. “Wait for me!”

“No, don’t you wait for her, Kezia!” said Isabel. “She’s such a little silly. She’s always making a fuss. Come on!” And she tugged Kezia’s jersey. “You can use my bucket if you come with me,” she said kindly. “It’s bigger than yours.” But Kezia couldn’t leave Lottie all by herself. She ran back to her. By this time Lottie was very red in the face and breathing heavily.

“Here, put your other foot over,” said Kezia.

“Where?”

Lottie looked down at Kezia as if from a mountain height.

“Here where my hand is.” Kezia patted the place.

“Oh, *there* do you mean!” Lottie gave a deep sigh and put the second foot over.

“Now—sort of turn round and sit down and slide,” said Kezia.

“But there’s nothing to sit down *on*, Kezia,” said Lottie.

She managed it at last, and once it was over she shook herself and began to beam.

“I’m getting better at climbing over stiles, aren’t I, Kezia?”

Lottie’s was a very hopeful nature.

The pink and the blue sunbonnet followed Isabel’s bright red sunbonnet up that sliding, slipping hill. At the top they paused to decide where to go and to have a good stare at who was there already. Seen from behind, standing against the skyline, gesticulating largely with their spades, they looked like minute puzzled explorers.

The whole family of Samuel Josephs was there already with their lady-help, who sat on a camp-stool and kept order with a whistle that she wore tied round her neck, and a small cane with which she directed operations. The

Samuel Josephs never played by themselves or managed their own game. If they did, it ended in the boys pouring water down the girls' necks or the girls trying to put little black crabs into the boys' pockets. So Mrs. S. J. and the poor lady-help drew up what she called a "brogramme" every morning to keep them "abused and out of bischief." It was all competitions or races or round games. Everything began with a piercing blast of the lady-help's whistle and ended with another. There were even prizes—large, rather dirty paper parcels which the lady-help with a sour little smile drew out of a bulging string kit. The Samuel Josephs fought fearfully for the prizes and cheated and pinched one another's arms—they were all expert pinchers. The only time the Burnell children ever played with them Kezia had got a prize, and when she undid three bits of paper she found a very small rusty button-hook. She couldn't understand why they made such a fuss....

But they never played with the Samuel Josephs now or even went to their parties. The Samuel Josephs were always giving children's parties at the Bay and there was always the same food. A big washhand basin of very brown fruit-salad, buns cut into four and a washhand jug full of something the lady-help called "Limmonadear." And you went away in the evening with half the frill torn off

your frock or something spilled all down the front of your open-work pinafore, leaving the Samuel Josephs leaping like savages on their lawn. No! They were too awful.

On the other side of the beach, close down to the water, two little boys, their knickers rolled up, twinkled like spiders. One was digging, the other pattered in and out of the water, filling a small bucket. They were the Trout boys, Pip and Rags. But Pip was so busy digging and Rags was so busy helping that they didn't see their little cousins until they were quite close.

"Look!" said Pip. "Look what I've discovered." And he showed them an old wet, squashed-looking boot. The three little girls stared.

"Whatever are you going to do with it?" asked Kezia.

"Keep it, of course!" Pip was very scornful. "It's a find—see?"

Yes, Kezia saw that. All the same....

"There's lots of things buried in the sand," explained Pip. "They get chucked up from wrecks. Treasure. Why—you might find—"

"But why does Rags have to keep on pouring water in?" asked Lottie.

"Oh, that's to moisten it," said Pip, "to make the work a bit easier. Keep it up, Rags."

And good little Rags ran up and down, pouring in the water that turned brown like cocoa.

“Here, shall I show you what I found yesterday?” said Pip mysteriously, and he stuck his spade into the sand. “Promise not to tell.”

They promised.

“Say, cross my heart straight dinkum.”

The little girls said it.

Pip took something out of his pocket, rubbed it a long time on the front of his jersey, then breathed on it and rubbed it again.

“Now turn round!” he ordered.

They turned round.

“All look the same way! Keep still! Now!”

And his hand opened; he held up to the light something that flashed, that winked, that was a most lovely green.

“It’s a nederal,” said Pip solemnly.

“Is it really, Pip?” Even Isabel was impressed.

The lovely green thing seemed to dance in Pip’s fingers. Aunt Beryl had a nederal in a ring, but it was a very small one. This one was as big as a star and far more beautiful.

V

As the morning lengthened whole parties appeared over the sand-hills and came down on the beach to bathe. It was understood that at eleven o'clock the women and children of the summer colony had the sea to themselves. First the women undressed, pulled on their bathing dresses and covered their heads in hideous caps like sponge bags; then the children were unbuttoned. The beach was strewn with little heaps of clothes and shoes; the big summer hats, with stones on them to keep them from blowing away, looked like immense shells. It was strange that even the sea seemed to sound differently when all those leaping, laughing figures ran into the waves. Old Mrs. Fairfield, in a lilac cotton dress and a black hat tied under the chin, gathered her little brood and got them ready. The little Trout boys whipped their shirts over their heads, and away the five sped, while their grandma sat with one hand in her knitting-bag ready to draw out the ball of wool when she was satisfied they were safely in.

The firm compact little girls were not half so brave as the tender, delicate-looking little boys. Pip and Rags, shivering, crouching down, slapping the water, never hesitated. But Isabel, who could swim twelve strokes, and Kezia, who could nearly swim eight, only followed on the strict understanding they were not to be splashed. As for Lottie, she didn't follow at all. She liked to be left to go in her own way, please. And that way was to sit down at the edge of the water, her legs straight, her knees pressed together, and to make vague motions with her arms as if she expected to be wafted out to sea. But when a bigger wave than usual, an old whiskery one, came lolloping along in her direction, she scrambled to her feet with a face of horror and flew up the beach again.

"Here, mother, keep those for me, will you?"

Two rings and a thin gold chain were dropped into Mrs Fairfield's lap.

"Yes, dear. But aren't you going to bathe here?"

"No-o," Beryl drawled. She sounded vague. "I'm undressing farther along. I'm going to bathe with Mrs. Harry Kember."

"Very well." But Mrs. Fairfield's lips set. She disapproved of Mrs Harry Kember. Beryl knew it.

Poor old mother, she smiled, as she skimmed over the stones. Poor old mother! Old! Oh, what joy, what bliss it was to be young....

“You look very pleased,” said Mrs. Harry Kember. She sat hunched up on the stones, her arms round her knees, smoking.

“It’s such a lovely day,” said Beryl, smiling down at her.

“Oh my *dear!*” Mrs. Harry Kember’s voice sounded as though she knew better than that. But then her voice always sounded as though she knew something better about you than you did yourself. She was a long, strange-looking woman with narrow hands and feet. Her face, too, was long and narrow and exhausted-looking; even her fair curled fringe looked burnt out and withered. She was the only woman at the Bay who smoked, and she smoked incessantly, keeping the cigarette between her lips while she talked, and only taking it out when the ash was so long you could not understand why it did not fall. When she was not playing bridge—she played bridge every day of her life—she spent her time lying in the full glare of the sun. She could stand any amount of it; she never had enough. All the same, it did not seem to warm her. Parched, withered, cold, she lay stretched on the stones like a piece of tossed-up driftwood. The women at the Bay thought she was very, very fast. Her lack of vanity, her slang, the way she treated men as though she was one of them, and the fact that she didn’t care twopence about her house and called the servant Gladys “Glad-eyes,” was

disgraceful. Standing on the veranda steps Mrs. Kember would call in her indifferent, tired voice, "I say, Glad-eyes, you might heave me a handkerchief if I've got one, will you?" And Glad-eyes, a red bow in her hair instead of a cap, and white shoes, came running with an impudent smile. It was an absolute scandal! True, she had no children, and her husband.... Here the voices were always raised; they became fervent. How can he have married her? How can he, how can he? It must have been money, of course, but even then!

Mrs. Kember's husband was at least ten years younger than she was, and so incredibly handsome that he looked like a mask or a most perfect illustration in an American novel rather than a man. Black hair, dark blue eyes, red lips, a slow sleepy smile, a fine tennis player, a perfect dancer, and with it all a mystery. Harry Kember was like a man walking in his sleep. Men couldn't stand him, they couldn't get a word out of the chap; he ignored his wife just as she ignored him. How did he live? Of course there were stories, but such stories! They simply couldn't be told. The women he'd been seen with, the places he'd been seen in... but nothing was ever certain, nothing definite. Some of the women at the Bay privately thought he'd commit a murder one day. Yes, even while they talked to Mrs. Kember and took in the awful concoction she was wearing, they saw her, stretched as she

lay on the beach; but cold, bloody, and still with a cigarette stuck in the corner of her mouth.

Mrs. Kember rose, yawned, unsnapped her belt buckle, and tugged at the tape of her blouse. And Beryl stepped out of her skirt and shed her jersey, and stood up in her short white petticoat, and her camisole with ribbon bows on the shoulders.

“Mercy on us,” said Mrs. Harry Kember, “what a little beauty you are!”

“Don’t!” said Beryl softly; but, drawing off one stocking and then the other, she felt a little beauty.

“My dear—why not?” said Mrs. Harry Kember, stamping on her own petticoat. Really—her underclothes! A pair of blue cotton knickers and a linen bodice that reminded one somehow of a pillow-case.... “And you don’t wear stays, do you?” She touched Beryl’s waist, and Beryl sprang away with a small affected cry. Then “Never!” she said firmly.

“Lucky little creature,” sighed Mrs. Kember, unfastening her own.

Beryl turned her back and began the complicated movements of some one who is trying to take off her clothes and to pull on her bathing-dress all at one and the same time.

“Oh, my dear—don’t mind me,” said Mrs. Harry Kember. “Why be shy? I shan’t eat you. I shan’t be shocked like those

other ninnies." And she gave her strange neighing laugh and grimaced at the other women.

But Beryl was shy. She never undressed in front of anybody. Was that silly? Mrs. Harry Kember made her feel it was silly, even something to be ashamed of. Why be shy indeed! She glanced quickly at her friend standing so boldly in her torn chemise and lighting a fresh cigarette; and a quick, bold, evil feeling started up in her breast. Laughing recklessly, she drew on the limp, sandy-feeling bathing-dress that was not quite dry and fastened the twisted buttons.

"That's better," said Mrs. Harry Kember. They began to go down the beach together. "Really, it's a sin for you to wear clothes, my dear. Somebody's got to tell you some day."

The water was quite warm. It was that marvellous transparent blue, flecked with silver, but the sand at the bottom looked gold; when you kicked with your toes there rose a little puff of gold-dust. Now the waves just reached her breast. Beryl stood, her arms outstretched, gazing out, and as each wave came she gave the slightest little jump, so that it seemed it was the wave which lifted her so gently.

"I believe in pretty girls having a good time," said Mrs. Harry Kember. "Why not? Don't you make a mistake, my dear. Enjoy yourself." And suddenly she turned turtle, disappeared, and swam away quickly, quickly, like a rat. Then

she flicked round and began swimming back. She was going to say something else. Beryl felt that she was being poisoned by this cold woman, but she longed to hear. But oh, how strange, how horrible! As Mrs. Harry Kember came up close she looked, in her black waterproof bathing-cap, with her sleepy face lifted above the water, just her chin touching, like a horrible caricature of her husband.

VI

In a steamer chair, under a manuka tree that grew in the middle of the front grass patch, Linda Burnell dreamed the morning away. She did nothing. She looked up at the dark, close, dry leaves of the manuka, at the chinks of blue between, and now and again a tiny yellowish flower dropped on her. Pretty—yes, if you held one of those flowers on the palm of your hand and looked at it closely, it was an exquisite small thing. Each pale yellow petal shone as if each was the careful work of a loving hand. The tiny tongue in the centre gave it the shape of a bell. And when you turned it over the outside was a deep bronze colour. But as soon as they flowered, they fell and were scattered. You brushed them off your frock as you talked; the horrid little things got caught in one's hair. Why, then, flower at all? Who takes the trouble—or the joy—to make all these things that are wasted, wasted.... It was uncanny.

On the grass beside her, lying between two pillows, was the boy. Sound asleep he lay, his head turned away from

his mother. His fine dark hair looked more like a shadow than like real hair, but his ear was a bright, deep coral. Linda clasped her hands above her head and crossed her feet. It was very pleasant to know that all these bungalows were empty, that everybody was down on the beach, out of sight, out of hearing. She had the garden to herself; she was alone.

Dazzling white the picotees shone; the golden-eyed marigold glittered; the nasturtiums wreathed the veranda poles in green and gold flame. If only one had time to look at these flowers long enough, time to get over the sense of novelty and strangeness, time to know them! But as soon as one paused to part the petals, to discover the under-side of the leaf, along came Life and one was swept away. And, lying in her cane chair, Linda felt so light; she felt like a leaf. Along came Life like a wind and she was seized and shaken; she had to go. Oh dear, would it always be so? Was there no escape?

... Now she sat on the veranda of their Tasmanian home, leaning against her father's knee. And he promised, "As soon as you and I are old enough, Linny, we'll cut off somewhere, we'll escape. Two boys together. I have a fancy I'd like to sail up a river in China." Linda saw that river, very wide, covered with little rafts and boats. She saw the yellow hats of the boatmen and she heard their high, thin voices as they called....

“Yes, papa.”

But just then a very broad young man with bright ginger hair walked slowly past their house, and slowly, solemnly even, uncovered. Linda’s father pulled her ear teasingly, in the way he had.

“Linny’s beau,” he whispered.

“Oh, papa, fancy being married to Stanley Burnell!”

Well, she was married to him. And what was more she loved him. Not the Stanley whom every one saw, not the everyday one; but a timid, sensitive, innocent Stanley who knelt down every night to say his prayers, and who longed to be good. Stanley was simple. If he believed in people—as he believed in her, for instance—it was with his whole heart. He could not be disloyal; he could not tell a lie. And how terribly he suffered if he thought anyone—she—was not being dead straight, dead sincere with him! “This is too subtle for me!” He flung out the words, but his open, quivering, distraught look was like the look of a trapped beast.

But the trouble was—here Linda felt almost inclined to laugh, though Heaven knows it was no laughing matter—she saw *her* Stanley so seldom. There were glimpses, moments, breathing spaces of calm, but all the rest of the time it was like living in a house that couldn’t be cured of the habit of catching on fire, on a ship that got wrecked

every day. And it was always Stanley who was in the thick of the danger. Her whole time was spent in rescuing him, and restoring him, and calming him down, and listening to his story. And what was left of her time was spent in the dread of having children.

Linda frowned; she sat up quickly in her steamer chair and clasped her ankles. Yes, that was her real grudge against life; that was what she could not understand. That was the question she asked and asked, and listened in vain for the answer. It was all very well to say it was the common lot of women to bear children. It wasn't true. She, for one, could prove that wrong. She was broken, made weak, her courage was gone, through child-bearing. And what made it doubly hard to bear was, she did not love her children. It was useless pretending. Even if she had had the strength she never would have nursed and played with the little girls. No, it was as though a cold breath had chilled her through and through on each of those awful journeys; she had no warmth left to give them. As to the boy—well, thank Heaven, mother had taken him; he was mother's, or Beryl's, or anybody's who wanted him. She had hardly held him in her arms. She was so indifferent about him that as he lay there... Linda glanced down.

The boy had turned over. He lay facing her, and he was no longer asleep. His dark-blue, baby eyes were open;

he looked as though he was peeping at his mother. And suddenly his face dimpled; it broke into a wide, toothless smile, a perfect beam, no less.

“I’m here!” that happy smile seemed to say. “Why don’t you like me?”

There was something so quaint, so unexpected about that smile that Linda smiled herself. But she checked herself and said to the boy coldly, “I don’t like babies.”

“Don’t like babies?” The boy couldn’t believe her. “Don’t like *me*?” He waved his arms foolishly at his mother.

Linda dropped off her chair on to the grass.

“Why do you keep on smiling?” she said severely. “If you knew what I was thinking about, you wouldn’t.”

But he only squeezed up his eyes, slyly, and rolled his head on the pillow. He didn’t believe a word she said.

“We know all about that!” smiled the boy.

Linda was so astonished at the confidence of this little creature.... Ah no, be sincere. That was not what she felt; it was something far different, it was something so new, so.... The tears danced in her eyes; she breathed in a small whisper to the boy, “Hallo, my funny!”

But by now the boy had forgotten his mother. He was serious again. Something pink, something soft waved in front of him. He made a grab at it and it immediately disappeared.

But when he lay back, another, like the first, appeared. This time he determined to catch it. He made a tremendous effort and rolled right over.

VII

The tide was out; the beach was deserted; lazily flopped the warm sea. The sun beat down, beat down hot and fiery on the fine sand, baking the grey and blue and black and white-veined pebbles. It sucked up the little drop of water that lay in the hollow of the curved shells; it bleached the pink convolvulus that threaded through and through the sand-hills. Nothing seemed to move but the small sand-hoppers. Pit-pit-pit! They were never still.

Over there on the weed-hung rocks that looked at low tide like shaggy beasts come down to the water to drink, the sunlight seemed to spin like a silver coin dropped into each of the small rock pools. They danced, they quivered, and minute ripples laved the porous shores. Looking down, bending over, each pool was like a lake with pink and blue houses clustered on the shores; and oh! the vast mountainous country behind those houses—the ravines, the passes, the dangerous creeks and fearful tracks that led to the water's edge. Underneath waved the sea-forest—pink thread-like

trees, velvet anemones, and orange berry-spotted weeds. Now a stone on the bottom moved, rocked, and there was a glimpse of a black feeler; now a thread-like creature wavered by and was lost. Something was happening to the pink, waving trees; they were changing to a cold moonlight blue. And now there sounded the faintest “plop.” Who made that sound? What was going on down there? And how strong, how damp the seaweed smelt in the hot sun....

The green blinds were drawn in the bungalows of the summer colony. Over the verandas, prone on the paddock, flung over the fences, there were exhausted-looking bathing-dresses and rough striped towels. Each back window seemed to have a pair of sand-shoes on the sill and some lumps of rock or a bucket or a collection of pawa shells. The bush quivered in a haze of heat; the sandy road was empty except for the Trouts’ dog Snooker, who lay stretched in the very middle of it. His blue eye was turned up, his legs stuck out stiffly, and he gave an occasional desperate-sounding puff, as much as to say he had decided to make an end of it and was only waiting for some kind cart to come along.

“What are you looking at, my grandma? Why do you keep stopping and sort of staring at the wall?”

Kezia and her grandmother were taking their siesta together. The little girl, wearing only her short drawers

and her under-bodice, her arms and legs bare, lay on one of the puffed-up pillows of her grandma's bed, and the old woman, in a white ruffled dressing-gown, sat in a rocker at the window, with a long piece of pink knitting in her lap. This room that they shared, like the other rooms of the bungalow, was of light varnished wood and the floor was bare. The furniture was of the shabbiest, the simplest. The dressing-table, for instance, was a packing-case in a sprigged muslin petticoat, and the mirror above was very strange; it was as though a little piece of forked lightning was imprisoned in it. On the table there stood a jar of sea-pinks, pressed so tightly together they looked more like a velvet pincushion, and a special shell which Kezia had given her grandma for a pin-tray, and another even more special which she had thought would make a very nice place for a watch to curl up in.

“Tell me, grandma,” said Kezia.

The old woman sighed, whipped the wool twice round her thumb, and drew the bone needle through. She was casting on.

“I was thinking of your Uncle William, darling,” she said quietly.

“My Australian Uncle William?” said Kezia. She had another.

“Yes, of course.”

“The one I never saw?”

“That was the one.”

“Well, what happened to him?” Kezia knew perfectly well, but she wanted to be told again.

“He went to the mines, and he got a sunstroke there and died,” said old Mrs. Fairfield.

Kezia blinked and considered the picture again.... A little man fallen over like a tin soldier by the side of a big black hole.

“Does it make you sad to think about him, grandma?” She hated her grandma to be sad.

It was the old woman’s turn to consider. Did it make her sad? To look back, back. To stare down the years, as Kezia had seen her doing. To look after *them* as a woman does, long after *they* were out of sight. Did it make her sad? No, life was like that.

“No, Kezia.”

“But why?” asked Kezia. She lifted one bare arm and began to draw things in the air. “Why did Uncle William have to die? He wasn’t old.”

Mrs. Fairfield began counting the stitches in threes. “It just happened,” she said in an absorbed voice.

“Does everybody have to die?” asked Kezia.

“Everybody!”

“*Me?*” Kezia sounded fearfully incredulous.

“Some day, my darling.”

“But, grandma.” Kezia waved her left leg and waggled the toes. They felt sandy. “What if I just won’t?”

The old woman sighed again and drew a long thread from the ball.

“We’re not asked, Kezia,” she said sadly. “It happens to all of us sooner or later.”

Kezia lay still thinking this over. She didn’t want to die. It meant she would have to leave here, leave everywhere, for ever, leave—leave her grandma. She rolled over quickly.

“Grandma,” she said in a startled voice.

“What, my pet!”

“*You’re* not to die.” Kezia was very decided.

“Ah, Kezia”—her grandma looked up and smiled and shook her head—“don’t let’s talk about it.”

“But you’re not to. You couldn’t leave me. You couldn’t not be there.” This was awful. “Promise me you won’t ever do it, grandma,” pleaded Kezia.

The old woman went on knitting.

“Promise me! Say never!”

But still her grandma was silent.

Kezia rolled off her bed; she couldn’t bear it any longer, and lightly she leapt on to her grandma’s knees, clasped her

hands round the old woman's throat and began kissing her, under the chin, behind the ear, and blowing down her neck.

"Say never... say never... say never—" She gasped between the kisses. And then she began, very softly and lightly, to tickle her grandma.

"Kezia!" The old woman dropped her knitting. She swung back in the rocker. She began to tickle Kezia. "Say never, say never, say never," gurgled Kezia, while they lay there laughing in each other's arms. "Come, that's enough, my squirrel! That's enough, my wild pony!" said old Mrs. Fairfield, setting her cap straight. "Pick up my knitting."

Both of them had forgotten what the "never" was about.

VIII

The sun was still full on the garden when the back door of the Burnells' shut with a bang, and a very gay figure walked down the path to the gate. It was Alice, the servant-girl, dressed for her afternoon out. She wore a white cotton dress with such large red spots on it and so many that they made you shudder, white shoes and a leghorn turned up under the brim with poppies. Of course she wore gloves, white ones, stained at the fastenings with iron-mould, and in one hand she carried a very dashed-looking sunshade which she referred to as her "*perishall*."

Beryl, sitting in the window, fanning her freshly-washed hair, thought she had never seen such a guy. If Alice had only blacked her face with a piece of cork before she started out, the picture would have been complete. And where did a girl like that go to in a place like this? The heart-shaped Fijian fan beat scornfully at that lovely bright mane. She supposed Alice had picked up some horrible common larrikin and they'd go off into the bush together. Pity to have made

herself so conspicuous; they'd have hard work to hide with Alice in that rig-out.

But no, Beryl was unfair. Alice was going to tea with Mrs Stubbs, who'd sent her an "invite" by the little boy who called for orders. She had taken ever such a liking to Mrs. Stubbs ever since the first time she went to the shop to get something for her mosquitoes.

"Dear heart!" Mrs. Stubbs had clapped her hand to her side. "I never seen anyone so eaten. You might have been attacked by canningbals."

Alice did wish there'd been a bit of life on the road though. Made her feel so queer, having nobody behind her. Made her feel all weak in the spine. She couldn't believe that some one wasn't watching her. And yet it was silly to turn round; it gave you away. She pulled up her gloves, hummed to herself and said to the distant gum-tree, "Shan't be long now." But that was hardly company.

Mrs. Stubbs's shop was perched on a little hillock just off the road. It had two big windows for eyes, a broad veranda for a hat, and the sign on the roof, scrawled MRS. STUBBS'S, was like a little card stuck rakishly in the hat crown.

On the veranda there hung a long string of bathing-dresses, clinging together as though they'd just been rescued from the sea rather than waiting to go in, and beside

them there hung a cluster of sandshoes so extraordinarily mixed that to get at one pair you had to tear apart and forcibly separate at least fifty. Even then it was the rarest thing to find the left that belonged to the right. So many people had lost patience and gone off with one shoe that fitted and one that was a little too big.... Mrs. Stubbs prided herself on keeping something of everything. The two windows, arranged in the form of precarious pyramids, were crammed so tight, piled so high, that it seemed only a conjurer could prevent them from toppling over. In the left-hand corner of one window, glued to the pane by four gelatine lozenges, there was—and there had been from time immemorial—a notice.

LOST! HANSOME GOLE BROOCH
SOLID GOLD
ON OR NEAR BEACH
REWARD OFFERED

Alice pressed open the door. The bell jangled, the red serge curtains parted, and Mrs. Stubbs appeared. With her broad smile and the long bacon knife in her hand, she looked like a friendly brigand. Alice was welcomed so warmly that she found it quite difficult to keep up her “manners.” They consisted of persistent little coughs and hems, pulls at her

gloves, tweaks at her skirt, and a curious difficulty in seeing what was set before her or understanding what was said.

Tea was laid on the parlour table—ham, sardines, a whole pound of butter, and such a large johnny cake that it looked like an advertisement for somebody's baking-powder. But the Primus stove roared so loudly that it was useless to try to talk above it. Alice sat down on the edge of a basket-chair while Mrs. Stubbs pumped the stove still higher. Suddenly Mrs. Stubbs whipped the cushion off a chair and disclosed a large brown-paper parcel.

"I've just had some new photers taken, my dear," she shouted cheerfully to Alice. "Tell me what you think of them."

In a very dainty, refined way Alice wet her finger and put the tissue back from the first one. Life! How many there were! There were three dozzing at least. And she held it up to the light.

Mrs. Stubbs sat in an arm-chair, leaning very much to one side. There was a look of mild astonishment on her large face, and well there might be. For though the arm-chair stood on a carpet, to the left of it, miraculously skirting the carpet-border, there was a dashing water-fall. On her right stood a Grecian pillar with a giant fern-tree on either side of it, and in the background towered a gaunt mountain, pale with snow.

“It is a nice style, isn’t it?” shouted Mrs. Stubbs; and Alice had just screamed “Sweetly” when the roaring of the Primus stove died down, fizzled out, ceased, and she said “Pretty” in a silence that was frightening.

“Draw up your chair, my dear,” said Mrs. Stubbs, beginning to pour out. “Yes,” she said thoughtfully, as she handed the tea, “but I don’t care about the size. I’m having an enlargemint. All very well for Christmas cards, but I never was the one for small photers myself. You get no comfort out of them. To say the truth, I find them dis’eartening.”

Alice quite saw what she meant.

“Size,” said Mrs. Stubbs. “Give me size. That was what my poor dear husband was always saying. He couldn’t stand anything small. Gave him the creeps. And, strange as it may seem, my dear”—here Mrs. Stubbs creaked and seemed to expand herself at the memory—“it was dropsy that carried him off at the larst. Many’s the time they drawn one and a half pints from ’im at the ’ospital... It seemed like a judgmint.”

Alice burned to know exactly what it was that was drawn from him. She ventured, “I suppose it was water.”

But Mrs. Stubbs fixed Alice with her eyes and replied meaningly, “It was *liquid*, my dear.”

Liquid! Alice jumped away from the word like a cat and came back to it, nosing and wary.

“That’s ’im!” said Mrs. Stubbs, and she pointed dramatically to the life-size head and shoulders of a burly man with a dead white rose in the buttonhole of his coat that made you think of a curl of cold mutting fat. Just below, in silver letters on a red cardboard ground, were the words, “Be not afraid, it is I.”

“It’s ever such a fine face,” said Alice faintly.

The pale-blue bow on the top of Mrs. Stubbs’s fair frizzy hair quivered. She arched her plump neck. What a neck she had! It was bright pink where it began and then it changed to warm apricot, and that faded to the colour of a brown egg and then to a deep creamy.

“All the same, my dear,” she said surprisingly, “freedom’s best!” Her soft, fat chuckle sounded like a purr. “Freedom’s best,” said Mrs. Stubbs again.

Freedom! Alice gave a loud, silly little titter. She felt awkward. Her mind flew back to her own kitching. Ever so queer! She wanted to be back in it again.

IX

A strange company assembled in the Burnells' washhouse after tea. Round the table there sat a bull, a rooster, a donkey that kept forgetting it was a donkey, a sheep and a bee. The washhouse was the perfect place for such a meeting because they could make as much noise as they liked, and nobody ever interrupted. It was a small tin shed standing apart from the bungalow. Against the wall there was a deep trough and in the corner a copper with a basket of clothes-pegs on top of it. The little window, spun over with cobwebs, had a piece of candle and a mouse-trap on the dusty sill. There were clotheslines criss-crossed overhead and, hanging from a peg on the wall, a very big, a huge, rusty horseshoe. The table was in the middle with a form at either side.

“You can't be a bee, Kezia. A bee's not an animal. It's a ninseck.”

“Oh, but I do want to be a bee frightfully,” wailed Kezia.... A tiny bee, all yellow-furry, with striped legs. She

drew her legs up under her and leaned over the table. She felt she was a bee.

“A ninseck must be an animal,” she said stoutly. “It makes a noise. It’s not like a fish.”

“I’m a bull, I’m a bull!” cried Pip. And he gave such a tremendous bellow—how did he make that noise?—that Lottie looked quite alarmed.

“I’ll be a sheep,” said little Rags. “A whole lot of sheep went past this morning.”

“How do you know?”

“Dad heard them. Baa!” He sounded like the little lamb that trots behind and seems to wait to be carried.

“Cock-a-doodle-do!” shrilled Isabel. With her red cheeks and bright eyes she looked like a rooster.

“What’ll I be?” Lottie asked everybody, and she sat there smiling, waiting for them to decide for her. It had to be an easy one.

“Be a donkey, Lottie.” It was Kezia’s suggestion. “Hee-haw! You can’t forget that.”

“Hee-haw!” said Lottie solemnly. “When do I have to say it?”

“I’ll explain, I’ll explain,” said the bull. It was he who had the cards. He waved them round his head. “All be quiet! All listen!” And he waited for them. “Look here, Lottie.” He

turned up a card. "It's got two spots on it—see? Now, if you put that card in the middle and somebody else has one with two spots as well, you say 'Hee-haw,' and the card's yours."

"Mine?" Lottie was round-eyed. "To keep?"

"No, silly. Just for the game, see? Just while we're playing." The bull was very cross with her.

"Oh, Lottie, you *are* a little silly," said the proud rooster.

Lottie looked at both of them. Then she hung her head; her lip quivered. "I don't want to play," she whispered. The others glanced at one another like conspirators. All of them knew what that meant. She would go away and be discovered somewhere standing with her pinny thrown over her head, in a corner, or against a wall, or even behind a chair.

"Yes, you *do*, Lottie. It's quite easy," said Kezia.

And Isabel, repentant, said exactly like a grown-up, "Watch *me*, Lottie, and you'll soon learn."

"Cheer up, Lot," said Pip. "There, I know what I'll do. I'll give you the first one. It's mine, really, but I'll give it to you. Here you are." And he slammed the card down in front of Lottie.

Lottie revived at that. But now she was in another difficulty. "I haven't got a hanky," she said; "I want one badly, too."

"Here, Lottie, you can use mine." Rags dipped into his sailor blouse and brought up a very wet-looking one,

knotted together. “Be very careful,” he warned her. “Only use that corner. Don’t undo it. I’ve got a little starfish inside I’m going to try and tame.”

“Oh, come on, you girls,” said the bull. “And mind—you’re not to look at your cards. You’ve got to keep your hands under the table till I say ‘Go.’”

Smack went the cards round the table. They tried with all their might to see, but Pip was too quick for them. It was very exciting, sitting there in the washhouse; it was all they could do not to burst into a little chorus of animals before Pip had finished dealing.

“Now, Lottie, you begin.”

Timidly Lottie stretched out a hand, took the top card off her pack, had a good look at it—it was plain she was counting the spots—and put it down.

“No, Lottie, you can’t do that. You mustn’t look first. You must turn it the other way over.”

“But then everybody will see it the same time as me,” said Lottie.

The game proceeded. Mooe-ooo-er! The bull was terrible. He charged over the table and seemed to eat the cards up.

Bss-ss! said the bee.

Cock-a-doodle-do! Isabel stood up in her excitement and moved her elbows like wings.

Baa! Little Rags put down the King of Diamonds and Lottie put down the one they called the King of Spain. She had hardly any cards left.

“Why don’t you call out, Lottie?”

“I’ve forgotten what I am,” said the donkey woefully.

“Well, change! Be a dog instead! Bow-wow!”

“Oh yes. That’s *much* easier.” Lottie smiled again. But when she and Kezia both had a one Kezia waited on purpose. The others made signs to Lottie and pointed. Lottie turned very red; she looked bewildered, and at last she said, “Hee-haw! Ke-zia.”

“Ss! Wait a minute!” They were in the very thick of it when the bull stopped them, holding up his hand. “What’s that? What’s that noise?”

“What noise? What do you mean?” asked the rooster.

“Ss! Shut up! Listen!” They were mouse-still. “I thought I heard a—a sort of knocking,” said the bull.

“What was it like?” asked the sheep faintly.

No answer.

The bee gave a shudder. “Whatever did we shut the door for?” she said softly. Oh, why, why had they shut the door?

While they were playing, the day had faded; the gorgeous sunset had blazed and died. And now the quick dark came racing over the sea, over the sand-hills, up the paddock.

You were frightened to look in the corners of the wash-house, and yet you had to look with all your might. And somewhere, far away, grandma was lighting a lamp. The blinds were being pulled down; the kitchen fire leapt in the tins on the mantelpiece.

“It would be awful now,” said the bull, “if a spider was to fall from the ceiling on to the table, wouldn’t it?”

“Spiders don’t fall from ceilings.”

“Yes, they do. Our Min told us she’d seen a spider as big as a saucer, with long hairs on it like a gooseberry.”

Quickly all the little heads were jerked up; all the little bodies drew together, pressed together.

“Why doesn’t somebody come and call us?” cried the rooster.

Oh, those grown-ups, laughing and snug, sitting in the lamp-light, drinking out of cups! They’d forgotten about them. No, not really forgotten. That was what their smile meant. They had decided to leave them there all by themselves.

Suddenly Lottie gave such a piercing scream that all of them jumped off the forms, all of them screamed too. “A face—a face looking!” shrieked Lottie.

It was true, it was real. Pressed against the window was a pale face, black eyes, a black beard.

“Grandma! Mother! Somebody!”

But they had not got to the door, tumbling over one another, before it opened for Uncle Jonathan. He had come to take the little boys home.

X

He had meant to be there before, but in the front garden he had come upon Linda walking up and down the grass, stopping to pick off a dead pink or give a top-heavy carnation something to lean against, or to take a deep breath of something, and then walking on again, with her little air of remoteness. Over her white frock she wore a yellow, pink-fringed shawl from the Chinaman's shop.

"Hallo, Jonathan!" called Linda. And Jonathan whipped off his shabby panama, pressed it against his breast, dropped on one knee, and kissed Linda's hand.

"Greeting, my Fair One! Greeting, my Celestial Peach Blossom!" boomed the bass voice gently. "Where are the other noble dames?"

"Beryl's out playing bridge and mother's giving the boy his bath.... Have you come to borrow something?"

The Trouts were for ever running out of things and sending across to the Burnells' at the last moment.

But Jonathan only answered, "A little love, a little kindness;" and he walked by his sister-in-law's side.

Linda dropped into Beryl's hammock under the manuka-tree, and Jonathan stretched himself on the grass beside her, pulled a long stalk and began chewing it. They knew each other well. The voices of children cried from the other gardens. A fisherman's light cart shook along the sandy road, and from far away they heard a dog barking; it was muffled as though the dog had its head in a sack. If you listened you could just hear the soft swish of the sea at full tide sweeping the pebbles. The sun was sinking.

"And so you go back to the office on Monday, do you, Jonathan?" asked Linda.

"On Monday the cage door opens and clangs to upon the victim for another eleven months and a week," answered Jonathan.

Linda swung a little. "It must be awful," she said slowly.

"Would ye have me laugh, my fair sister? Would ye have me weep?"

Linda was so accustomed to Jonathan's way of talking that she paid no attention to it.

"I suppose," she said vaguely, "one gets used to it. One gets used to anything."

“Does one? Hum!” The “Hum” was so deep it seemed to boom from underneath the ground. “I wonder how it’s done,” brooded Jonathan; “I’ve never managed it.”

Looking at him as he lay there, Linda thought again how attractive he was. It was strange to think that he was only an ordinary clerk, that Stanley earned twice as much money as he. What was the matter with Jonathan? He had no ambition; she supposed that was it. And yet one felt he was gifted, exceptional. He was passionately fond of music; every spare penny he had went on books. He was always full of new ideas, schemes, plans. But nothing came of it all. The new fire blazed in Jonathan; you almost heard it roaring softly as he explained, described and dilated on the new thing; but a moment later it had fallen in and there was nothing but ashes, and Jonathan went about with a look like hunger in his black eyes. At these times he exaggerated his absurd manner of speaking, and he sang in church—he was the leader of the choir—with such fearful dramatic intensity that the meanest hymn put on an unholy splendour.

“It seems to me just as imbecile, just as infernal, to have to go to the office on Monday,” said Jonathan, “as it always has done and always will do. To spend all the best years of one’s life sitting on a stool from nine to five, scratching in somebody’s ledger! It’s a queer use to make of one’s... one

and only life, isn't it? Or do I fondly dream?" He rolled over on the grass and looked up at Linda. "Tell me, what is the difference between my life and that of an ordinary prisoner. The only difference I can see is that I put myself in jail and nobody's ever going to let me out. That's a more intolerable situation than the other. For if I'd been—pushed in, against my will—kicking, even—once the door was locked, or at any rate in five years or so, I might have accepted the fact and begun to take an interest in the flight of flies or counting the warder's steps along the passage with particular attention to variations of tread and so on. But as it is, I'm like an insect that's flown into a room of its own accord. I dash against the walls, dash against the windows, flop against the ceiling, do everything on God's earth, in fact, except fly out again. And all the while I'm thinking, like that moth, or that butterfly, or whatever it is, 'The shortness of life! The shortness of life!' I've only one night or one day, and there's this vast dangerous garden, waiting out there, undiscovered, unexplored."

"But, if you feel like that, why—" began Linda quickly.

"*Ah!*" cried Jonathan. And that "ah!" was somehow almost exultant. "There you have me. Why? Why indeed? There's the maddening, mysterious question. Why don't I fly out again? There's the window or the door or whatever it was I came in by. It's not hopelessly shut—is it? Why don't I

find it and be off? Answer me that, little sister.” But he gave her no time to answer.

“I’m exactly like that insect again. For some reason”—Jonathan paused between the words—“it’s not allowed, it’s forbidden, it’s against the insect law, to stop banging and flopping and crawling up the pane even for an instant. Why don’t I leave the office? Why don’t I seriously consider, this moment, for instance, what it is that prevents me leaving? It’s not as though I’m tremendously tied. I’ve two boys to provide for, but, after all, they’re boys. I could cut off to sea, or get a job up-country, or—” Suddenly he smiled at Linda and said in a changed voice, as if he were confiding a secret, “Weak... weak. No stamina. No anchor. No guiding principle, let us call it.” But then the dark velvety voice rolled out:

*Would ye hear the story
How it unfolds itself...*

and they were silent.

The sun had set. In the western sky there were great masses of crushed-up rose-coloured clouds. Broad beams of light shone through the clouds and beyond them as if they would cover the whole sky. Overhead the blue faded; it turned a pale gold, and the bush outlined against it gleamed dark

and brilliant like metal. Sometimes when those beams of light show in the sky they are very awful. They remind you that up there sits Jehovah, the jealous God, the Almighty, Whose eye is upon you, ever watchful, never weary. You remember that at His coming the whole earth will shake into one ruined graveyard; the cold, bright angels will drive you this way and that, and there will be no time to explain what could be explained so simply.... But to-night it seemed to Linda there was something infinitely joyful and loving in those silver beams. And now no sound came from the sea. It breathed softly as if it would draw that tender, joyful beauty into its own bosom.

“It’s all wrong, it’s all wrong,” came the shadowy voice of Jonathan. “It’s not the scene, it’s not the setting for... three stools, three desks, three inkpots and a wire blind.”

Linda knew that he would never change, but she said, “Is it too late, even now?”

“I’m old—I’m old,” intoned Jonathan. He bent towards her, he passed his hand over his head. “Look!” His black hair was speckled all over with silver, like the breast plumage of a black fowl.

Linda was surprised. She had no idea that he was grey. And yet, as he stood up beside her and sighed and stretched, she saw him, for the first time, not resolute, not gallant, not

careless, but touched already with age. He looked very tall on the darkening grass, and the thought crossed her mind, “He is like a weed.”

Jonathan stooped again and kissed her fingers.

“Heaven reward thy sweet patience, lady mine,” he murmured. “I must go seek those heirs to my fame and fortune....” He was gone.

XI

Light shone in the windows of the bungalow. Two square patches of gold fell upon the pinks and the peaked marigolds. Florrie, the cat, came out on to the veranda, and sat on the top step, her white paws close together, her tail curled round. She looked content, as though she had been waiting for this moment all day.

“Thank goodness, it’s getting late,” said Florrie. “Thank goodness, the long day is over.” Her greengage eyes opened.

Presently there sounded the rumble of the coach, the crack of Kelly’s whip. It came near enough for one to hear the voices of the men from town, talking loudly together. It stopped at the Burnells’ gate.

Stanley was half-way up the path before he saw Linda. “Is that you, darling?”

“Yes, Stanley.”

He leapt across the flower-bed and seized her in his arms. She was enfolded in that familiar, eager, strong embrace.

“Forgive me, darling, forgive me,” stammered Stanley, and he put his hand under her chin and lifted her face to him.

“Forgive you?” smiled Linda. “But whatever for?”

“Good God! You can’t have forgotten,” cried Stanley Burnell. “I’ve thought of nothing else all day. I’ve had the hell of a day. I made up my mind to dash out and telegraph, and then I thought the wire mightn’t reach you before I did. I’ve been in tortures, Linda.”

“But, Stanley,” said Linda, “what must I forgive you for?”

“Linda!”—Stanley was very hurt—“didn’t you realize—you must have realized—I went away without saying good-bye to you this morning? I can’t imagine how I can have done such a thing. My confounded temper, of course. But—well”—and he sighed and took her in his arms again—“I’ve suffered for it enough to-day.”

“What’s that you’ve got in your hand?” asked Linda. “New gloves? Let me see.”

“Oh, just a cheap pair of wash-leather ones,” said Stanley humbly. “I noticed Bell was wearing some in the coach this morning, so, as I was passing the shop, I dashed in and got myself a pair. What are you smiling at? You don’t think it was wrong of me, do you?”

“On the *con*-trary, darling,” said Linda, “I think it was most sensible.”

She pulled one of the large, pale gloves on her own fingers and looked at her hand, turning it this way and that. She was still smiling.

Stanley wanted to say, "I was thinking of you the whole time I bought them." It was true, but for some reason he couldn't say it. "Let's go in," said he.

XII

Why does one feel so different at night? Why is it so exciting to be awake when everybody else is asleep? Late—it is very late! And yet every moment you feel more and more wakeful, as though you were slowly, almost with every breath, waking up into a new, wonderful, far more thrilling and exciting world than the daylight one. And what is this queer sensation that you're a conspirator? Lightly, stealthily you move about your room. You take something off the dressing-table and put it down again without a sound. And everything, even the bed-post, knows you, responds, shares your secret....

You're not very fond of your room by day. You never think about it. You're in and out, the door opens and slams, the cupboard creaks. You sit down on the side of your bed, change your shoes and dash out again. A dive down to the glass, two pins in your hair, powder your nose and off again. But now—it's suddenly dear to you. It's a darling little funny room. It's yours. Oh, what a joy it is to own things! Mine—my own!

“My very own for ever?”

“Yes.” Their lips met.

No, of course, that had nothing to do with it. That was all nonsense and rubbish. But, in spite of herself, Beryl saw so plainly two people standing in the middle of her room. Her arms were round his neck; he held her. And now he whispered, “My beauty, my little beauty!” She jumped off her bed, ran over to the window and kneeled on the window-seat, with her elbows on the sill. But the beautiful night, the garden, every bush, every leaf, even the white palings, even the stars, were conspirators too. So bright was the moon that the flowers were bright as by day; the shadow of the nasturtiums, exquisite lily-like leaves and wide-open flowers, lay across the silvery veranda. The manuka-tree, bent by the southerly winds, was like a bird on one leg stretching out a wing.

But when Beryl looked at the bush, it seemed to her the bush was sad.

“We are dumb trees, reaching up in the night, imploring we know not what,” said the sorrowful bush.

It is true when you are by yourself and you think about life, it is always sad. All that excitement and so on has a way of suddenly leaving you, and it’s as though, in the silence, somebody called your name, and you heard your name for the first time. “Beryl!”

“Yes, I’m here. I’m Beryl. Who wants me?”

“Beryl!”

“Let me come.”

It is lonely living by oneself. Of course, there are relations, friends, heaps of them; but that’s not what she means. She wants some one who will find the Beryl they none of them know, who will expect her to be that Beryl always. She wants a lover.

“Take me away from all these other people, my love. Let us go far away. Let us live our life, all new, all ours, from the very beginning. Let us make our fire. Let us sit down to eat together. Let us have long talks at night.”

And the thought was almost, “Save me, my love. Save me!”

... “Oh, go on! Don’t be a prude, my dear. You enjoy yourself while you’re young. That’s my advice.” And a high rush of silly laughter joined Mrs. Harry Kember’s loud, indifferent neigh.

You see, it’s so frightfully difficult when you’ve nobody. You’re so at the mercy of things. You can’t just be rude. And you’ve always this horror of seeming inexperienced and stuffy like the other ninnies at the Bay. And—and it’s fascinating to know you’ve power over people. Yes, that is fascinating....

Oh why, oh why doesn’t “he” come soon?

If I go on living here, thought Beryl, anything may happen to me.

“But how do you know he is coming at all?” mocked a small voice within her.

But Beryl dismissed it. She couldn’t be left. Other people, perhaps, but not she. It wasn’t possible to think that Beryl Fairfield never married, that lovely fascinating girl.

“Do you remember Beryl Fairfield?”

“Remember her! As if I could forget her! It was one summer at the Bay that I saw her. She was standing on the beach in a blue”—no, pink—“muslin frock, holding on a big cream”—no, black—“straw hat. But it’s years ago now.”

“She’s as lovely as ever, more so if anything.”

Beryl smiled, bit her lip, and gazed over the garden. As she gazed, she saw somebody, a man, leave the road, step along the paddock beside their palings as if he was coming straight towards her. Her heart beat. Who was it? Who could it be? It couldn’t be a burglar, certainly not a burglar, for he was smoking and he strolled lightly. Beryl’s heart leapt; it seemed to turn right over, and then to stop. She recognized him.

“Good evening, Miss Beryl,” said the voice softly.

“Good evening.”

“Won’t you come for a little walk?” it drawled.

Come for a walk—at that time of night! “I couldn’t. Everybody’s in bed. Everybody’s asleep.”

“Oh,” said the voice lightly, and a whiff of sweet smoke reached her. “What does everybody matter? Do come! It’s such a fine night. There’s not a soul about.”

Beryl shook her head. But already something stirred in her, something reared its head.

The voice said, “Frightened?” It mocked, “Poor little girl!”

“Not in the least,” said she. As she spoke that weak thing within her seemed to uncoil, to grow suddenly tremendously strong; she longed to go!

And just as if this was quite understood by the other, the voice said, gently and softly, but finally, “Come along!”

Beryl stepped over her low window, crossed the veranda, ran down the grass to the gate. He was there before her.

“That’s right,” breathed the voice, and it teased, “You’re not frightened, are you? You’re not frightened?”

She was; now she was here she was terrified, and it seemed to her everything was different. The moonlight stared and glittered; the shadows were like bars of iron. Her hand was taken.

“Not in the least,” she said lightly. “Why should I be?”
Her hand was pulled gently, tugged. She held back.

“No, I’m not coming any farther,” said Beryl.

“Oh, rot!” Harry Kember didn’t believe her. “Come along! We’ll just go as far as that fuchsia bush. Come along!”

The fuchsia bush was tall. It fell over the fence in a shower. There was a little pit of darkness beneath.

“No, really, I don’t want to,” said Beryl.

For a moment Harry Kember didn’t answer. Then he came close to her, turned to her, smiled and said quickly, “Don’t be silly! Don’t be silly!”

His smile was something she’d never seen before. Was he drunk? That bright, blind, terrifying smile froze her with horror. What was she doing? How had she got here? the stern garden asked her as the gate pushed open, and quick as a cat Harry Kember came through and snatched her to him.

“Cold little devil! Cold little devil!” said the hateful voice.

But Beryl was strong. She slipped, ducked, wrenched free.

“You are vile, vile,” said she.

“Then why in God’s name did you come?” stammered Harry Kember.

Nobody answered him.

A cloud, small, serene, floated across the moon. In that moment of darkness the sea sounded deep, troubled. Then the cloud sailed away, and the sound of the sea was a vague murmur, as though it waked out of a dark dream. All was still.

MANIFESTO PELA DEMOCRATIZAÇÃO DO DOMÍNIO PÚBLICO

Um Livro Extraordinário passou pelo teste do tempo e sobreviveu para nos contar sua história. Essas obras nos levam a outros lugares, nos apresentam pessoas e novos modos de pensar; nos transformam em exploradores e renovam as maneiras como experimentamos a vida cotidiana.

Ler é um ato de liberdade que transforma leitores em turistas imaginários. Todos têm o direito de visitar o País das Maravilhas, a Terra do Nunca, Lilliput, Camelot e até de viajar dentro da barriga de uma baleia. Queremos falar a mesma língua de Mowgli, do Pequeno Príncipe, do barão Münchhausen, de Mulan. Merecemos um passaporte universal. Nos recusamos a ser estrangeiros nos mundos extraordinários.

Libertaremos os mundos imaginários das estantes empoeiradas do domínio público. Abriremos suas portas escondidas sob o manto de outras línguas. Destruiremos as muralhas para revelar tesouros escondidos em outras línguas a leitores de zero a mil anos!

— •

literatura
livre

O projeto Literatura Livre, do Instituto Mojo de Comunicação Intercultural, traduz para o português as melhores obras da literatura, gratuitamente, em formatos digitais. A biblioteca que formou a identidade humana ao longo de mais de dois milênios está sendo reconstruída e organizada por nossa equipe e nossos apoiadores como uma ponte temporal, com temas tão atuais hoje como quando foram escritos. Nossa missão é aproximar o antigo e o novo, desmistificar o desconhecido, iluminar o conhecimento. Histórias geram empatia e transmitem sentimentos desde antes da escrita, e nós as usamos para estreitar os laços que nos unem como uma só espécie. A realização deste bem social conta com o apoio de parceiros, instituições e pessoas. Conheça quem está fazendo essa magia junto com o Instituto Mojo em nosso site e em nossas redes.



Desde 2018 o Instituto Mojo promove a aproximação cultural sem fronteiras. Em um mundo unido pelos meios digitais e dividido pelas diferenças culturais e ideológicas, tomamos como nosso o esforço de reunir a todos os interessados em conhecer, respeitar e promover a sua cultura e a de outros. Nosso primeiro programa se concentra na veiculação gratuita de obras em domínio público nas mais diversas línguas, sempre em versões bilíngues. Visite nosso site e veja como apoiar as nossas ações.

  @institutomojo

www.mojo.org.br

FICHA TÉCNICA



**SESC — SERVIÇO SOCIAL DO
COMÉRCIO**

[SOCIAL SERVICE OF COMMERCE]

**Administração Regional no
Estado de São Paulo**

[Regional Administration of São Paulo State]

Presidente do Conselho Regional

[Regional Board Chairman]

Abram Szajman

Diretor do Departamento Regional

[Regional Department Director]

Danilo Santos de Miranda

Superintendente de Comunicação Social

[Social Communication Superintendent]

Aurea Leszczynski Vieira Gonçalves

Superintendente Técnico-Social

[Social-Technical Superintendent]

Rosana Paulo da Cunha

Gerentes

[Departments]

Sesc Digital

Fernando Amoedo Tuacek

Ação Cultural

[Cultural Action]

Érika Mourão Trindade Dutra

Assessoria de Relações Internacionais

[International Affairs]

Heloisa Pisani



**INSTITUTO MOJO DE COMUNICAÇÃO
INTERCULTURAL**

[MOJO INSTITUTE FOR INTERCULTURAL COMMUNICATION]

Diretor Executivo

[Executive Director]

Ricardo Giassetti

Vice-Diretor Executivo

[Vice Executive Director]

Bruno Girello

Diretoria

[Board]

Tatiana Bornato, Thiago Fogaça, Luiz Fuganti,

Paulo Buarque de Gusmão

Conselheiro de Negócios

[Business Advisor]

Abel Reis

Curadoria Acadêmica

[Scholar Curatorship]

Ana Maria Haddad Baptista

Organizador e Produtor Literatura Livre

[Executive Producer]

Ricardo Giassetti

Curadores e Editores

[Curators and Editors]

Ricardo Giassetti, Renato Roschel e Camille Pezzino

Revisores

[Proofreading]

Camilla Pezzino, Rebeca Benício e Adriana Zoudine

Direção de Arte

[Art Director]

George Farwell

Ilustrações

[Illustrations]

Chrismontez de Brito

Editoração Digital e Ebooks

[Digital Art and Ebooks]

Fernando Ribeiro

Desenvolvedor

[Developer]

Andre Resende

Tradutores

[Translators]

Adriana Zoudine, Bruno Anselmi Matangrano, Camille Pezzino, Carol Chiovatto, Francisco de Araújo, Gabriel Naldi, Giovane Rodrigues Silva, Lica Hashimoto, Luciana Cammarota, Luis S. Krausz, Mamede Jarouche, Nana Yoshida, Nina Rizzi, Renato Roschel, Ricardo Giassetti, Safa AC Jubran.

Literatura Livre

Sesc São Paulo — Primeira Temporada, 2020

[Free Literature]

[Sesc São Paulo — First Season, 2022]

O Leviatã (*Der Leviathan*, 1938), Joseph Roth (1894–1939);
Crônicas do Japão (*Nihonshoki*, 720), Príncipe Toneri (676–735)
e Ō-no-Yasumaro (?–723); ***Viagens de Gulliver*** (*Gulliver's
Travels*, 1726), Jonathan Swift (1667–1745); ***El Zarco*** (*El Zarco*,
1901), Ignacio Manuel Altamirano (1834–1893);
Contos folclóricos africanos Vols. 1 e 2 (*The Folk Tales from
Southern Nigeria* (1910), Elphinstone Dayrell (1869–1917);
Zanzibar Tales (1901), George W. Bateman (1850–1940);
Where Animals Talk (1912), Robert Hamill Nassau (1835–
1921); ***Os miseráveis*** (*Albukhalā'*, 868), Aljāhiz (776–868); ***Sra.
Fragrância Primavera*** (*Mrs. Spring Fragrance*, 1912), Sui Sin Far
(Edith Maude Easton, 1865–1914); ***Contos de crianças chinesas***
(*Mrs. Spring Fragrance*, 1912), Sui Sin Far (Edith Maude Easton,
1865–1914); ***As roupas fazem as pessoas*** (*Kleider machen Leute*,
1874), Gottfried Keller (1819–1890); ***Contos sardos*** (*Racconti
Sardi*, 1894), Grazia Deledda (1871–1936); ***Pássaros sem ninho***
(*Aves sin nido*, 1889), Clorinda Matto de Turner (1853–1909);
Coração das trevas (*Heart of Darkness*, 1899), Joseph Conrad
(1857–1924); ***Histórias do tio Karel*** (*Outa Karel's Stories: South
African Folk-Lore Tales*, 1914), Sanni Metelerkamp (1867–1945)

Literatura Livre

Sesc São Paulo — Segunda Temporada, 2022

[Free Literature]

[Sesc São Paulo — Second Season, 2022]

Mil novecentos e oitenta e quatro (*Nineteen Eighty Four*, 1949), George Orwell (Eric Arthur Blair, 1903–1950) • **Contos de amor de loucura e de morte** (*Cuentos de amor de loucura y de muerte*, 1917), Horacio Quiroga (1878–1937) • **Contos da selva** (*Cuentos de la selva*, 1918), Horacio Quiroga (1878–1937) • **O boneco raivoso** (*El juguete rabioso*, 1926), Roberto Arlt (1900–1942) • **O ventre de Nápoles** (*Il ventre di Napoli*, 1884–1905), Matilde Serao (1856–1927) • **A metamorfose** (*Die Verwandlung*, 1915), Franz Kafka (1883–1924) • **Hōjōki — Anotações na solidão da cabana** (*Hōjōki ou 方丈記*, 1212), Kamo no Chōmei (1153 ou 55–1216) • **O retorno** (*Возвращение*, 1946), Andrei Platonov (1899–1951) • **Gravuras cariocas** (*Aguafuertes cariocas*, 1930), Roberto Arlt (1900–1942) • **Xingu** (*Xingu*, 1916), Edith Wharton (1862–1937) • **Avatar** (*Avatar*, 1856), Théophile Gautier (1811–1872) • **A Bota de Ferro** (*The Iron Heel*, 1908), Jack London (1876–1916) • **Na baía** (*At the Bay*, 1922), Katherine Mansfield (1888–1923) • **Livro do tigre e do raposo** (*Kitāb Annamir wa Atta^ʿlab*, séc. 9), Hārūn, Sahl Bin (m.c. 830 d.C.) • **Contos malévolos** (*Cuentos malevolos*, 1904), Clemente de Palma (1872–1946)